

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Leivo Ortiz de Oliveira**

**Voluntariado Comunitário: uma pesquisa antropológica em duas instituições de  
Viamão-RS**

**PORTO ALEGRE  
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Leivo Ortiz de Oliveira**

**Voluntariado Comunitário: uma pesquisa antropológica em duas instituições de  
Viamão-RS**

**Monografia apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Bacharel em Ciências  
Sociais pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo.**

**PORTO ALEGRE  
2023**

### CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Leivo Ortiz de  
Voluntariado Comunitário: uma pesquisa  
antropológica em duas instituições de Viamão-RS /  
Leivo Ortiz de Oliveira. -- 2023.  
81 f.  
Orientador: Arlei Sander Damo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Trabalho voluntário. 2. comunidade. 3. dádiva.  
4. filantropia. 5. reconhecimento. I. Damo, Arlei  
Sander, orient. II. Título.

LEIVO ORTIZ DE OLIVEIRA

**Voluntariado Comunitário: uma pesquisa antropológica em duas instituições de  
Viamão-RS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais, obtendo conceito A.

Porto Alegre, 19 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dr. Arlei Sander Damo**

Orientador

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Departamento de Antropologia

---

**Prof. Dr. Pablo Tibor Quintero Mansilla**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Departamento de Antropologia

---

**Prof. Dr. Rafael da Silva Malhão**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

## **AGRADECIMENTOS**

Registro aqui meus sinceros agradecimentos às professoras e aos professores que fizeram parte de mais essa jornada acadêmica, que se encerra neste ato. Estendo minha gratidão a toda a comunidade do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atravessamos um período desafiador nos últimos anos, e certamente ainda temos muitos desafios no presente e para o futuro.

Em especial, agradeço imensamente toda a paciência e sensibilidade do meu orientador, Prof. Arlei Damo, que foi de uma generosidade ímpar na compreensão das inúmeras dificuldades enfrentadas para a consecução deste trabalho.

Também agradeço a cumplicidade, o incentivo e a troca de ideias que minha irmã Silvane Ortiz sempre me proporcionou, em especial nesse período turbulento. Certamente, se trata de alguém que terá um futuro brilhante no meio acadêmico, por sua enorme capacidade, postura irretocável e todo o empenho que dedica aos estudos.

Aqui em casa, o suporte recebido desde sempre por parte da Sandra e pelo recém-chegado Francisco, é fundamental para seguir adiante.

Por fim, agradeço aos Professores Pablo Quintero e Rafael Malhão, por aceitarem fazer parte da banca de avaliação deste trabalho.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo realizar um estudo etnográfico acerca do trabalho voluntário comunitário executado em duas instituições filantrópicas localizadas na cidade de Viamão-RS. Para a execução desta tarefa foram realizadas a observação participante, conversas informais e entrevistas não-diretivas. Procura-se abordar a dedicação ao trabalho voluntário comunitário e seus significados a partir das perspectivas da dádiva e do reconhecimento social do voluntariado realizado. A pesquisa tem como linha teórico-conceitual a teoria da dádiva de Marcel Mauss, complementada pelo conceito de Axel Honneth sobre a luta por reconhecimento social.

**Palavras-chave:** Trabalho voluntário, comunidade, dádiva, reconhecimento, filantropia, etnografia

## **ABSTRACT**

The present work aims to carry out an ethnographic study about the community volunteer work carried out in two philanthropic institutions located in the city of Viamão-RS. For the execution of this task, participant observation, informal conversations and non-directive interviews were carried out. We seek to address dedication to community volunteer work and its meanings from the perspective of donation and social recognition of the volunteer work carried out. The research has Marcel Mauss' theory of gift as a theoretical-conceptual line, complemented by Axel Honneth's concept of the struggle for social recognition.

**Keywords:** Volunteer work; community, gift, recognition, philanthropy, ethnography

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I - Dádiva, filantropia e voluntariado - uma síntese teórica.....</b>	<b>16</b>
1.1 - Filantropia e voluntariado comunitário.....	16
1.1.1 - Breve panorama do voluntariado no Brasil.....	24
1.2 - O ensaio sobre a dádiva e seus desdobramentos.....	25
<b>CAPITULO II – A Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus.....</b>	<b>33</b>
2.1 - “Nada acontece por acaso”.....	37
2.2 - O relato de Isabel Vieira.....	43
<b>CAPÍTULO III – A Casa da Sopa: o voluntariado comunitário de Dionísia Machado...49</b>	
3.1 - Após viver nas ruas.....	54
3.2 - A contribuição de Enoilda.....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE – Imagens das instituições.....</b>	<b>74</b>



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo a realização de uma pesquisa etnográfica na qual se abordará o trabalho voluntário comunitário, inserido no contexto da filantropia comunitária, sob o prisma conceitual da *dádiva* e, subsidiariamente, da concepção teórica da *luta por reconhecimento*, balizas teóricas e conceituais que pretendemos delimitar no primeiro capítulo do texto. O ambiente onde a pesquisa de campo se desenvolveu compreende duas instituições comunitárias na cidade de Viamão, município localizado na região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

A primeira incursão de campo ocorreu na Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus, durante o ano de 2019, fundada por Losangela Martins. No local são atendidas crianças e adolescentes carentes da comunidade da Vila Orieta, onde é proporcionado cuidado integral durante os dias da semana. Também são disponibilizadas atividades de reforço escolar e recreativas, alimentação, roupas e higiene, durante o turno inverso da escola para aqueles em idade escolar e turno integral aos menores de 6 anos.

Posteriormente, em 2022, a pesquisa ocorreu na Associação Casa da Sopa, também localizada em uma região periférica da cidade de Viamão, mais precisamente no bairro Jardim Castelo (ou Castelinho), comunidade formada por uma ocupação realizada em meados da década de 1990, regularizada apenas poucos anos atrás, com a concessão dos termos de posse pela prefeitura do município aos moradores de longa data.

A instituição surgiu de forma espontânea, do desejo de uma moradora do local, Dionísia Machado, 75 anos, que após viver anos em situação de rua, se estabeleceu na região e iniciou o trabalho de alimentar as crianças da comunidade. Além de proporcionar refeições às crianças e aos pais destas, também oferece aulas de informática, reforço escolar e cursos profissionalizantes para as mulheres da comunidade, tais como de panificação e de artesanato.

Como base teórica principal desta pesquisa, fez-se uso do conceito maussiano da dádiva. Marcel Mauss afirma que a dádiva atua como um fundamento da vida social. Defende que esse fenômeno pode ser considerado um fato social total. O ato de dar, receber e retribuir está inserido no contexto de um contrato moral. No caso em

tela, o trabalho voluntário comunitário realizado nas duas instituições não carrega em si uma reciprocidade intrínseca. Neste contexto, não há uma retribuição direta por parte das crianças e mulheres atendidas, ou mesmo pelos demais membros da comunidade, indiretamente beneficiados. Assim, pretendemos investigar o que motiva a ação voluntária dessas mulheres, quais as razões que as levam a tal dedicação, que, nos casos pesquisados, ocupa o centro de suas vidas.

O que podemos adiantar neste momento inicial é que atividades que começaram por acaso, sem grandes perspectivas ou planejamento prévio, redundaram em projetos sociais de amplo alcance e na criação de instituições respeitadas pela sociedade local, tais como os meios de comunicação do estado ou autoridades religiosas, por exemplo. Esse aspecto do reconhecimento social parece ter contribuído para que algo espontâneo e, possivelmente, episódico, tenha se tornado, com o passar do tempo, uma espécie de obrigação moral para suas fundadoras e colaboradoras. A noção de solidariedade também parece ser um aspecto presente nas narrativas e ações das voluntárias comunitárias de longa data das duas instituições.

Nos dois ambientes, todas as pessoas envolvidas compartilham o universo social local das instituições, pois residem nas comunidades onde estas estão sediadas. Dessa forma, outra faceta da teoria da dádiva parece se enquadrar em ambos os contextos: a mistura. Para Mauss, a dádiva *“trata-se, no fundo, de misturas [...] Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.”* (MAUSS, 2003, p. 212). Este aspecto da teoria de Mauss foi um ponto de partida pertinente para a investigação que ora apresentamos.

O conceito da dádiva é objeto de estudo e interesse epistemológico para diversos pensadores das humanidades, mantendo-se relevante no campo do conhecimento antropológico. Como exemplo, para Pierre Bourdieu, a dádiva jamais possui um caráter totalmente desinteressado. Sob a ótica bourdiana, podemos considerar que a ação voluntária, assim como a economia do dom, *“ao contrário da economia do “toma lá, dá cá”, baseia-se em uma denegação do econômico [...], em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico [...]. Ela se organiza visando a acumulação do capital simbólico (como capital de reconhecimento, honra, nobreza etc.)”* (BOURDIEU, 1996, p. 11).

Nas pesquisas de campo realizadas para a consecução deste trabalho, o capital simbólico parece permear a motivação das agentes para sua motivação em prosseguir em suas atividades voluntárias, apesar das dificuldades inerentes. A retribuição do trabalho realizado pode estar contida no reconhecimento social da importância e nobreza desta ação, que foge da lógica econômica da maximização do lucro. Concomitante a isso, também parece existir a noção de responsabilidade social com os mais necessitados (obrigação moral), que comparecem nestes locais diariamente em busca de algum auxílio, sobretudo para receber algo tão básico e essencial à sobrevivência como a alimentação.

Também devemos considerar que quando ocorre o reconhecimento reiterado da comunidade atendida, da mídia, dos doadores, de autoridades religiosas, da família destas mulheres e das crianças atendidas ou mesmo quando a atividade desempenhada se torna objeto de uma pesquisa antropológica, fica implícita a importância que diversos grupos sociais e indivíduos atribuem ao esforço de dar assistência voluntária aos membros da comunidade que as cerca. Desse modo, torna-se inequívoco o reconhecimento do valor social atribuído às ações destas mulheres.

Nesse prisma, contribui para nossa pesquisa a obra de Axel Honneth "*Luta por Reconhecimento*". Para Honneth, "*os indivíduos precisam se saber reconhecidos também em suas capacidades e propriedades particulares, [...] eles necessitam de uma estima social que só pode se dar na base de finalidades partilhadas em comum.*" (HONNETH, 2003, p. 278). Esse aspecto, relacionado ao reconhecimento social, também contribui em nossa tarefa de tentar compreender a perenidade do trabalho voluntário comunitário objeto da presente análise. Quanto maior e mais socialmente abrangente é a valorização da atividade, maior é a estima social que as agentes recebem, e, conseqüentemente, a perseverança, a abnegação, a vontade de continuar, apesar de todos os percalços diários.

Diante do exposto, a teoria de Honneth parece dar conta em preencher uma lacuna na tentativa de analisar o voluntariado comunitário utilizando-se do esquema conceitual da dádiva, pois, na maioria das vezes, a retribuição não provém diretamente dos recebedores desta, mas de terceiros. A proposição de Honneth vai, de alguma forma, ao encontro da interpretação de Jacques Godbout quando este se debruça sobre o conceito de Mauss. Para Godbout, a dádiva tem como característica

central propiciar que o indivíduo tenha a experiência do pertencimento, e esta possui a capacidade de fortalecer a identidade individual (GODBOUT, 1998).

O trabalho voluntário comunitário, especialmente quando este se torna a principal atividade do agente, parece também se inserir nesta perspectiva. A motivação de se tornar um voluntário em tempo integral e assim dedicar sua vida a uma causa que não carrega em si a lógica do lucro financeiro, mesmo que isso represente a incerteza da manutenção das condições de subsistência ou a certeza da estagnação econômica do voluntário, pode ser explicada, em boa medida, pelos aspectos da ação humana propostos por estes teóricos, mesmo que suas ideias tenham pontos de partida e chegada epistemologicamente distintos.

Diante do brevemente exposto, podemos aferir que o trabalho voluntário comunitário ora pesquisado pode ter como motivação, sem excluir outros aspectos, obviamente, a busca por reconhecimento, de pertencimento a uma comunidade, a capacidade de ver-se no outro em suas dificuldades, a solidariedade ou a obrigação moral de continuar a cumprir uma “missão de vida”. Em outras palavras, a atividade realizada na Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus e na Associação Casa da Sopa parece, sobretudo, ser algo que presta sentido às vidas daquelas pessoas.

No panorama acima traçado, procuramos levantar algumas questões, à luz da teoria antropológica, em especial o conceito da dádiva: como ocorre o interesse pelo trabalho voluntário comunitário? Qual a percepção dos agentes sobre sua atividade? O que essas pessoas buscam receber em troca da dedicação delas a tal causa? Em outras palavras, qual a reciprocidade almejada? Há tal consciência de que o trabalho voluntário comunitário traz em si uma expectativa de recompensa? Ou isso é tido como uma missão a ser cumprida, uma tarefa que assumiram e que não pode mais ser delegada ou deixada de lado, tendo em vista a essencialidade da atividade para as comunidades onde estão inseridas?

Certamente não será possível elucidar todas estas questões no presente esforço de pesquisa. O objetivo aqui é realizar uma abordagem inicial sobre tais temas, deixando questões em aberto, as quais poderão ser aprofundadas em outro momento, numa pesquisa de maior fôlego e tempo de dedicação.

A investigação foi desenvolvida como uma observação etnográfica, focada nas personagens Losangela, idealizadora da Associação Tia Lolô, e Isabel, uma das

voluntárias do local. E em Dionísia e Enoilda, que representam a origem e o desenvolvimento da Casa da Sopa. As técnicas de coleta de informações foram a observação participante, as conversas informais e entrevistas não diretas.

Como já citado anteriormente, a Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus fica localizada na Vila Orieta, em Viamão-RS. Essa região tem por característica ser uma comunidade carente, como tantas outras do Brasil, onde a paisagem é preenchida de casas de alvenaria sem acabamento estético e muitos casebres de madeira, vielas de chão batido que cortam a rua principal, esta recém ampliada e asfaltada, esgoto a céu aberto e muitas crianças circulando pelas adjacências, algumas descalças e com pouca roupa, cena corriqueira mesmo durante o inverno, que, por vezes, é rigoroso nesta região do país.

Paisagem semelhante encontramos no bairro Jardim Castelo, onde se estabeleceu uma ocupação de um extenso terreno no qual a iniciativa privada planejava a construção de mais um condomínio fechado na cidade. Após uma longa batalha judicial, o local deu lugar ao bairro, também conhecido como Castelinho, onde as mesmas características da Vila Orieta podem ser identificadas. A diferença fica por conta das ruas mais largas e lotes maiores, resquícios das obras do condomínio que ali foi iniciada quando da sua ocupação. Em termos de distância, pouco mais de cinco quilômetros separam o Castelinho (como a comunidade se refere ao local) e a Vila Orieta.

Viamão faz parte da região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, este localizado no ponto mais austral do Brasil. O município é conhecido como “cidade dormitório”, o que significa que seus moradores exercem suas atividades laborais, em sua maioria, fora da cidade onde residem. No caso específico, boa parte dos munícipes trabalham e geram riqueza em Porto Alegre, a capital do estado e cidade contígua.

Infelizmente, mesmo ao lado de uma cidade desenvolvida economicamente como Porto Alegre, Viamão (assim como Alvorada, cidade vizinha e que também faz divisa com Porto Alegre) ostenta índices econômicos e sociais abaixo da média estadual, o que também é uma característica das capitais brasileiras e seu entorno: a desigualdade social e econômica entre cidades vizinhas, quando se forma um bolsão de precariedade ao redor das grandes metrópoles.

O município, em que pese algum desenvolvimento econômico e estruturação dos serviços municipais na última década, perceptíveis para quem mora ou frequenta a cidade regularmente, ainda possui indicadores econômicos e sociais muito baixos. A cidade tem um dos piores indicadores do Produto Interno Bruto - PIB do estado, sendo, na pesquisa de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>1</sup>, o 493º PIB dentre os 497 municípios do estado do Rio Grande do Sul (RS). O que denota a situação social e financeira delicada em que se encontram a maioria de seus moradores. Além disso, invariavelmente, a cidade está entre as mais violentas do estado. Também é umas das mais populosas, sendo a sétima em número de habitantes do RS, com mais de 250.000 de população estimada em 2019, conforme o IBGE.

É neste universo que se inserem a Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus, que desenvolve seu trabalho social há mais de 25 anos, e a Casa da Sopa, que funciona, na prática, desde o início dos anos 2000. É neste panorama que convivem as voluntárias, seus familiares e as crianças atendidas. A Associação da Tia Lolô atende os moradores da Vila Orieta e a Casa da Sopa os residentes no bairro Jardim Castelo.

É esse convívio e as percepções do ambiente comunitário que formam o objeto de interesse da presente pesquisa. As motivações, expectativas e percepções das personagens quanto ao voluntariado formam a estrutura condutora deste estudo etnográfico.

De início, faremos uma breve aproximação e delimitação conceitual acerca da filantropia, da filantropia comunitária, do voluntariado comunitário e da teoria da dádiva e seus desdobramentos, além de tecer comentários acerca da proposição de Axel Honneth sobre a luta por reconhecimento, e sua pertinência para o caso em tela. Apresentaremos também um breve panorama atual sobre o trabalho voluntário no Brasil, com os dados de pesquisa realizada entre 2001 e 2021.

No segundo capítulo, será apresentada a Associação Beneficente Comunitária Tia Lolô do Ônibus, sua origem e desenvolvimento, que procura atender todas e todos que batem à sua porta, especialmente as crianças e adolescentes da comunidade do

---

<sup>1</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/viamao/panorama>

seu entorno. O foco neste capítulo centra-se na história de vida das personagens Losangela e Isabel, acerca da atividade voluntária de ambas. Com relação à Losangela, procuramos desvelar o caminho percorrido por ela até o momento de nossas visitas, como reconhece sua história e quais são seus anseios e expectativas para o presente e futuro próximo, quanto ao trabalho desenvolvido. Também aqui, nos concentramos no depoimento e na história de Isabel no que se refere a sua dedicação voluntária junto à Associação Tia Lolô. Como se desenvolveu seu interesse em tornar-se voluntária comunitária, suas percepções e de sua família acerca da atividade.

No terceiro capítulo, vamos conhecer a história da Associação Casa da Sopa. Nesta instituição, a pesquisa se debruça no trabalho realizado por Dionísia Machado, idealizadora do projeto social e sua “fiel escudeira”, Enoilda Santos, 64 anos, que dedica o tempo que dispõe, quando não está em seu emprego formal, para auxiliar Dionísia em todos os aspectos da atividade desenvolvida na Casa da Sopa. A parceria dessas mulheres é a força motriz do local. Cada planejamento e ação realizada tem a marca desta dupla. Neste capítulo, necessário destacar a história pessoal de Dionísia, que após passar boa parte de sua vida em situação de rua e dependente alcoólica, consegue realizar o sonho de ajudar outras pessoas em condição de vulnerabilidade social, tornando-se uma liderança comunitária muito respeitada e admirada por sua força para realizar uma ação social relevante.

Na sequência, apresentamos as considerações finais sobre todo o exposto, traçando um paralelo das pesquisas etnográficas realizadas com o debate teórico apresentado inicialmente, retomando alguns aspectos discutidos quando da delimitação teórico-conceitual sobre o tema do voluntariado comunitário e as questões levantadas no decorrer da pesquisa. Por fim, em apêndice, expomos algumas imagens das instituições pesquisadas e das personagens, tão importantes para a consecução deste trabalho.

## CAPÍTULO I

### **Dádiva, filantropia e voluntariado - uma síntese teórica.**

#### **1.1 - Filantropia e voluntariado comunitário**

No desenvolvimento da presente pesquisa, a primeira dificuldade apresentada foi a utilização do termo filantropia como categoria analítica. A pergunta que se impôs foi: o trabalho voluntário comunitário realizado nas instituições pesquisadas dialoga, em algum grau, com outras ações de cunho filantrópico, tendo em vista os diferentes objetivos e pontos de partida das diversas atividades consideradas como filantropia? Por ser um termo de uso abrangente, a categoria “filantropia”, se aqui cabível, ainda assim teria apenas a capacidade de servir como um guarda-chuva conceitual, que, não sendo considerado inadequado, ainda assim não possuiria o poder explicativo acerca das minúcias e variações encontradas na diversidade de casos por ele abarcados.

Dessa forma, se considerarmos que a presente pesquisa se circunscreve no âmbito da filantropia, há, ainda, a necessidade de um refinamento de tal filiação categórica. Uma melhor compreensão desse quadro é possível, então, revisando o debate conceitual no que se refere ao tema. Neste, diversas ramificações e definições do que é considerado como filantropia já estão em operação e disputa, seja na tentativa de melhor organizar o amplo campo de atuação e de possibilidades analíticas ou mesmo de prevalecer como estratégia discursiva. Emergem, então, termos como “filantrocapitalismo”, “filantropia para justiça social”, “altruísmo eficaz”, “assistencialismo”, dentre muitos outros, que buscam justamente melhor definir e diferenciar essas categorias, conferindo maior precisão e, em determinados casos, a hegemonia de discurso nos usos e definições dos termos.

Muitos pensadores, de distintas áreas do conhecimento, se debruçam sobre o assunto, objetivando conferir a definição mais adequada para a categoria conceitual que conhecemos como filantropia, conforme suas características singulares, formas de atuação e objetivos de aplicação. Para o propósito deste trabalho, faremos, de



início, uso da proposta de Nogueira e Schommer para o termo filantropia: “*corresponde a um impulso interior das pessoas para doar tempo, dinheiro ou conhecimentos, acima dos seus interesses pessoais ou institucionais, para melhorar a situação de outros ou para o bem comum.*” (NOGUEIRA E SCHOMMER, 2009, p. 5).

A definição acima apresentada, apesar de sintética e, por consequência, sujeita a muitos questionamentos, pode ser considerada pertinente como uma explicação cosmológica desse universo, amplo e complexo, da ação de doar algo, no contexto das sociedades contemporâneas. Sob tal prisma, podemos então considerar o caso ora analisado como uma ação filantrópica.

Todavia, a definição acima não encerra a questão conceitual que precisamos dar conta para o prosseguimento de nossa pesquisa. Muito pelo contrário, este guarda-chuva conceitual apenas aponta uma direção, um norte. Nesse sentido, temos muitos caminhos que se apresentam diante de nós, e precisamos escolher a via mais coerente de análise. Nessa esteira, apresenta-se uma gama de conceitos que poderíamos chamar de subsidiários da filantropia, que auxiliam para o ajuste analítico, proporcionando maior especificidade na análise, conforme a necessidade de cada objeto de pesquisa.

No decorrer da delimitação conceitual, se apresentaram diversos conceitos que se entrecruzam, se aproximam ou se distanciam em sua capacidade de adequação ao nosso objeto. Surgem termos como solidariedade, caridade, voluntariado, altruísmo, interesse, reconhecimento, ajuda, humanitarismo, reciprocidade, empreendedorismo social, moralidade, assistencialismo (empresarial e estatal), entre tantos outros, que, muitas vezes, se sobrepõem ou mesmo se contradizem, numa miscelânea que nem sempre obtemos sucesso em organizar, ou, ao menos, sistematizar de forma minimamente coerente.

E como caracterizar o trabalho voluntário realizado na Associação Tia Lolô e na Associação Casa da Sopa de modo não classificatório, mas que trace a evidente diferenciação das ações destas mulheres quando em comparação com a filantropia realizada por indivíduos que possuem tempo disponível e dinheiro excedente, ou sujeitos que almejam retornos políticos e de status social em seu restrito círculo da

elite econômica e social? Pois por mais que a ação voluntária das personagens desta pesquisa possa conter também aspectos da busca por reconhecimento e/ou de status social, esses são, obviamente, de ordem muito distinta quando comparamos com o retorno almejado pelas elites econômicas e seus empreendimentos sociais, aspecto este evidenciado em diversos trabalhos acerca do tema.

Para tentar responder tais questões, que o próprio desenvolvimento da pesquisa nos colocou, é necessário compreender as definições dos pesquisadores que já se dedicaram ao assunto e seus desdobramentos, e como estes fixaram as balizas dos conceitos que fizeram uso. Importa ressaltar que essa não é uma tarefa que se esgota em si mesma, pois os critérios que definem as categorias analíticas estão em constante reformulação, buscando se adaptar ao processo inerente de transformação social que estas procuram interpretar num determinado tempo e espaço.

Nesse processo de ramificação das ações filantrópicas, um dos desdobramentos em evidência é conhecido como “filantropocapitalismo”. Os agentes das instituições definidas como filantropocapitalistas estabelecem um paralelo na dinâmica e na administração entre as instituições por eles criadas, financiadas e administradas e as empresas as quais são seus ambientes de trabalho remunerado, nos mais diversos níveis de atuação, estando seus agentes, invariavelmente, no topo da pirâmide hierárquica destas. Este tema é objeto de interesse da antropóloga Patrícia Kunrath Silva, que desenvolve abrangente pesquisa sobre filantropia no Brasil e nos EUA. Sua obra é importante para um melhor entendimento das divergências e convergências dessas categorias de análise e da disputa pela primazia discursiva existente entre os diversos teóricos que se dedicam a analisar a temática globalmente.

Na identificação do seu escopo de utilização, percebe-se que muitas das terminologias mobilizadas pelos agentes do filantropocapitalismo, e na literatura a ele ligada, não encontram eco em nosso campo de pesquisa. Simplesmente pelo fato de que as pessoas que realizam as atividades voluntárias na Associação Tia Lolô e na Associação Casa da Sopa desconhecem essas dinâmicas de emulação empresarial no seu dia-dia, e não faria sentido descrever essa realidade particular em tais termos.

Grosso modo, com base no artigo *Filantropocapitalismo versus filantropia para a justiça social: um debate norte-americano sobre como lidar com a pobreza* (KUNRATH-SILVA E OLIVEN, 2020), o filantropocapitalismo procura realizar suas ações operando dentro de parâmetros e valores presentes na dinâmica dos mercados de capitais, com investidores aplicando dinheiro em empreendimentos que eles identificam como potenciais transformadores da sociedade. Com isso, espera-se um retorno de tal investimento. Devendo este ser mensurável, utiliza-se para seu diagnóstico as métricas aplicadas para identificar a eficácia dos investimentos capitalistas. Além disso, a principal diferença entre o empreendimento social e o capitalista seria, ao cabo, o produto gerado, que no primeiro caso se dá pela melhoria das condições da sociedade, o bem comum, ao passo que no segundo o retorno é, essencialmente, a maximização do lucro financeiro.

Em oposição a esta lógica, temos a modalidade definida como “filantropia progressista” (ou para justiça social), na qual seus formuladores e os responsáveis por sua operação advogam a necessidade da superação da lógica capitalista em que está assentada nossa sociedade, e, por consequência, das suas dinâmicas de operação e reprodução. Para esse formato de ação filantrópica, a questão de fundo é a busca por uma organização social menos desigual e mais solidária. Com o foco que também abrange as questões ambientais, a filantropia progressista, em contraposição ao filantropocapitalismo, *“atribui às organizações de base a promoção de projetos de saída da pobreza e empoderamento dos pobres por eles mesmos, centrados nas demandas de movimentos sociais e ativistas.”* (KUNRATH-SILVA E OLIVEN, 2020, p. 18).

Nesta perspectiva, podemos relacionar de algum modo a filantropia progressista com o trabalho realizado nas instituições ora pesquisadas. Entretanto, a ideia de combate ao regime capitalista de sociedade, presente no discurso e nas práticas da filantropia progressista, não faz parte do ideário dessas mulheres, pelo menos não de forma explícita. A atuação das mulheres na Associação Tia Lolô e na Associação Casa da Sopa tem um caráter mais pragmático do que ideológico. Entretanto, não podemos afirmar taxativamente que não há ideologia política naquele ambiente. Mas, ao menos como mola propulsora das ações analisadas, da razão de

existir das instituições, não se vislumbrou tal aspecto durante as incursões aos ambientes de pesquisa.

Como outra possibilidade de viés analítico, poderíamos estar, então, diante de uma atitude caridosa ou solidária? Antes de seguirmos, precisamos então definir o que entendemos por caridade e solidariedade, identificando suas diferenças, e, se for o caso, fazer uso do termo que melhor se relacione com o contexto desta pesquisa.

No caso específico da ação das personagens deste trabalho, o termo caridade poderia ser útil para analisar o trabalho voluntário instituído por Losangela e Dionísia e suas auxiliares? Ou mais adequado seria considerar que a motivação pode estar vinculada a uma noção de reflexo, onde as voluntárias têm a percepção de que seria possível elas mesmas estarem na condição de assistidos, ou seus familiares próximos, e, também por isso, o impulso moral em agir para mitigar a situação presenciada, sob um sentimento de alteridade e reconhecimento de si no outro?

Na análise dos termos, o vocábulo caridade é normalmente utilizado para designar as ações realizadas por entidades religiosas, ou sob a égide de doutrinas e ensinamentos ligados à religião. Comumente, identificamos essa característica nas organizações e ações das igrejas e entidades ligadas ao catolicismo ou às correntes protestantes. Na discussão apresentada na tese de doutoramento de Patrícia Silva (KUNRATH-SILVA, 2017), em comum está o apelo religioso do conceito de caridade. Esta característica não está presente no nosso estudo de caso. Mas também é destacado em seu trabalho o aspecto das relações e contratos sociais que a caridade gera, numa perspectiva maussiana (KUNRATH-SILVA, 2017, p. 38), que está relacionado ao estabelecimento de confiança entre as partes.

Já a ação solidária não carrega tal conotação religiosa e nem mesmo o caráter de posicionamento superior do doador (em algum grau), que o ato caridoso traz consigo, invariavelmente. Na solidariedade, está contido sobretudo o aspecto de identificação com o beneficiário da atitude solidária, mesmo que esta seja relacionada apenas e tão somente com sua condição de humanidade, compartilhada entre doador e receptor da ajuda.

No geral, há muitas semelhanças conceituais entre caridade e solidariedade. No entanto, tendo em vista a correlação entre caridade e o aspecto religioso de tal ato, podemos considerar que o conceito de solidariedade é o de melhor aplicabilidade no caso em tela, pois este não carrega a correlação com a religião e sim a faceta de reconhecimento de si no outro, em seu sofrimento e na sua condição humana. Neste caso, o trabalho voluntário comunitário estaria relacionado à noção de solidariedade para com seu semelhante.

Ainda dentro dos limites desta discussão, com frequência vem à tona o conceito de humanitarismo, de uso corrente nas obras do antropólogo francês Didier Fassin. Em que pese o termo possuir características relevantes para nosso interesse de pesquisa, a categoria analítica delineada por Fassin tem sua aplicação mais apropriada quando na análise dos casos similares à experienciada pelo autor, que tentarei condensar nas próximas linhas.

A categoria que este definiu como “humanitarismo” (ou razão humanitária) foi desenvolvida no contexto das vivências profissionais de Didier Fassin. Além de sociólogo e antropólogo, Fassin também possui formação em medicina e tem vasta experiência prática na área. Com forte atuação na ONG Médicos Sem Fronteiras, seja na linha de frente, em diversos países, ou ocupando cargos de destaque na mesma organização, seu interesse de pesquisa e ação política está majoritariamente ligado aos problemas globais de vulnerabilidade social, na desigualdade de acesso à saúde, imigração e saúde pública local. Sua obra também pesquisa o papel dos governos e organizações internacionais (governamentais e não governamentais) nesse complexo cenário, onde missões militares e humanitárias são atravessadas por questões políticas e de moralidade. É nesse espaço de ação e análise que o autor formulou e desenvolveu sua ideia de humanitarismo.

Na tradução de Moisés Kopper (KOPPER, 2014), em artigo onde este aborda a obra de Fassin, um parágrafo do livro “A Razão Humanitária” sintetiza o significado do termo humanitarismo definido pelo autor:

De fato, trata-se de um modo de governo que se refere às vítimas da pobreza, da falta de teto, do desemprego e do exílio, assim como de desastres, fomes, epidemias e guerras [...]. Envolve organizações não governamentais, agências internacionais, Estados e indivíduos. Mobiliza compaixão e tecnologia, médicos e

operadores logísticos. Seus espaços de ação são clínicas para os pobres e campos de refugiados, uma administração social onde os imigrantes não documentados são recebidos e uma guarnição militar na qual vítimas de terremotos são tratadas (FASSIN, 2011, a:x).

A contribuição, do ponto de vista de uma antropologia global, acerca das questões tais como as expostas acima, não pode ser dispensada na análise do presente caso, ainda que aqui se trate de uma problemática de esfera local, comunitária. Nesse sentido, Kopper situa a obra de Fassin no centro desse debate entre o local e o universal, na perspectiva de uma antropologia crítica e até mesmo de intervenção na realidade, com a capacidade de propor ações de políticas públicas ou influenciá-las.

Por sua abrangência, a noção de humanitarismo contribui de algum modo no contexto de nossa pesquisa. A ideia de uma razão humanitária se faz presente em situações em que há uma organização que se destine a prestar apoio aos que necessitam. Seja ela estatal, não governamental, de origem individual ou mesmo de um grupo de indivíduos imbuídos com a responsabilidade moral de melhorar as condições de vida das pessoas que vivem num mesmo espaço social, ou, em outras palavras, pessoas que vivem em uma mesma comunidade.

Por fim, temos uma maior aproximação ao nosso objeto de pesquisa quando abordamos a chamada “filantropia comunitária”. Na definição de Dana R. H. Doan,

“a filantropia comunitária é, ao mesmo tempo, uma forma e uma força para o desenvolvimento orientado localmente que fortalece a capacidade e a voz da comunidade, proporciona confiança e, o que é mais importante, explora e constrói recursos locais, mobilizados para desenvolver e manter uma comunidade fortalecida.” (DOAN, 2019 p. 8).

Ainda segundo a autora, “*a filantropia comunitária tem origem em práticas de troca, ajuda mútua, solidariedade e desenvolvimento comunitário.*” (DOAN, 2019 p. 3). Nesta perspectiva, temos uma maior aproximação quanto ao nosso objeto de pesquisa, o que nos proporciona a possibilidade de compreender e apresentar de modo mais evidente o tema ora em desenvolvimento: o voluntariado comunitário, pois, este possui aspectos de busca do fortalecimento local, mobilizando recursos (humanos e financeiros), com o objetivo de proporcionar melhores condições de vida à comunidade.

No breve panorama exposto até aqui, abordamos apenas uma fração das possibilidades de escolha e delimitação dos diversos conceitos que se apresentam durante uma pesquisa antropológica. Resta evidente que as escolhas conceituais que melhor definem um tema de pesquisa não é tarefa simples. Mas a maior aproximação possível neste sentido é essencial para uma melhor compreensão dos seus propósitos e para que tenhamos um resultado satisfatório e pertinente ao campo do conhecimento antropológico.

Entretanto, insta salientar que não é o intento deste capítulo categorizar de maneira estanque o uso dos diversos conceitos ora mobilizados. Menos ainda, apresentar uma discussão de caráter classificatório. Ao contrário, como já foi comentado, muitos conceitos teóricos, discutidos pela bibliografia afim, se entrecruzam e se sobrepõem aos termos utilizados pelas agentes sociais no concurso das suas ações. Não seria de descartar nem mesmo a possibilidade de que eles possam ensejar contradições a depender do contexto de aplicação, muito embora o objetivo principal deste trabalho não seja confrontar a teoria com a prática. Desse modo, o esforço em propor tal discussão tem por objetivo otimizar a compreensão dessas categorias analíticas e cimentar suas diferenças, pelo uso mais adequado possível em cada conjuntura de pesquisa, contribuindo de certa forma com o debate acerca de tão vasto campo e conferindo maior precisão ao arcabouço teórico utilizado neste trabalho.

Isto posto, propomos como uma possibilidade de síntese conceitual adequada para o contexto aqui apresentado o uso da expressão “trabalho voluntário comunitário” (ou voluntariado comunitário), que também deve estar sob o guarda-chuva da filantropia, mais especificamente, filiado à filantropia comunitária. Esta baliza conceitual possibilita auxiliar na compreensão do objeto de pesquisa em tela, que, por suas particularidades, se difere do filantropocapitalismo e da filantropia progressista.

Desse modo, propomos que o trabalho voluntário comunitário possa ser definido, inicialmente, **como uma ação coordenada, sem fins lucrativos, com propósito definido, realizada entre indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, de forma auto-organizada, com o intuito de resolver ou mitigar alguma necessidade. Esta comunidade pode se reconhecer como tal pelas redes estabelecidas através dos vínculos de amizade e/ou parentesco,**

**identitária, de gênero, de situação econômica, entre outros, dentro da perspectiva comum de pertencimento e reconhecimento mútuo.**

### **1.1.1 - Breve panorama do voluntariado no Brasil**

Em pesquisa realizada em 2021, pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social - IDIS e o Datafolha<sup>2</sup> foi identificado o crescimento da ação voluntária no Brasil na última década. Traçando um comparativo de três pesquisas sobre o tema, realizadas em 2001, 2011 e 2021, o IDIS<sup>3</sup> coletou dados que demonstram um exponencial aumento do interesse pela atividade voluntária no país nos últimos anos. Em comparação com 2001, por exemplo, o percentual dos entrevistados que faz atualmente ou já fez trabalho voluntário passou de 18% na primeira pesquisa para 56%, na coleta de 2021<sup>4</sup>. Esse dado, por si só, demonstra a relevância do assunto na sociedade brasileira atualmente.

Outro dado relevante da pesquisa demonstra o incremento do número de horas dedicadas ao voluntariado, que passou de 5 horas/mês, em 2011, para 18 horas/mês, em 2021. Também na pesquisa de 2021, chama a atenção o dado que demonstra que o público específico mais beneficiado pela atividade voluntária é composto por crianças e adolescentes, com índice de 39%, só ficando atrás do percentual referente ao público em geral, de 41%. Também presente nos dados da última pesquisa, as duas atividades voluntárias mais realizadas, respectivamente, são: captação e

---

<sup>2</sup> IDIS - Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021, disponível em <https://pesquisavoluntariado.org.br/>. Acessado em novembro de 2022.

<sup>3</sup>A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021 foi conduzida pelo Instituto Datafolha e compreendeu etapas quantitativas e qualitativas como descrito a seguir.

Pesquisas quantitativas: Entrevistas pessoais e individuais, com pessoas de 16 anos ou mais que fazem ou não atividades voluntárias, realizadas em pontos de fluxo populacional de abrangência nacional. (2.086 pessoas, margem de erro máxima para o total das amostras é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%). Entrevistas pessoais, individuais e específicas com voluntários – pessoas que fazem ou já fizeram alguma atividade voluntária, com 16 anos ou mais, realizadas em pontos de fluxo populacional, distribuídos em oito capitais brasileiras: Brasília, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. (1.556 voluntários, a margem de erro máxima para o total das amostras é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%).

Pesquisas qualitativas: Entrevistas e conversas online em grupo (Grupos Focais), com pessoas que praticam trabalho voluntário no mínimo uma vez a cada 15 dias, desde antes da pandemia, de três capitais representativas de regiões distintas: Porto Alegre, Recife e São Paulo. Entrevistas online individuais em profundidade sobre voluntariado com oito formadores de opinião, diversificados por tipo de atuação e regiões do Brasil.

<sup>4</sup> Como hipótese para esse fenômeno, podemos cogitar que o advento da Pandemia de Covid-19 e suas repercussões econômicas e sociais possam ter contribuído para esse crescimento no número de pessoas que se dedicam ao trabalho voluntário nos dados apresentados na pesquisa mais recente.



distribuição de recursos (roupas, alimentos, água e remédios), com 41%, e cozinha/refeitório (preparo de refeições), que conta com 16% da atividade voluntária em 2021.

Por fim, para o interesse desta pesquisa, outro dado relevante é acerca da motivação citada pelos entrevistados para sua dedicação ao trabalho voluntário. Nesse aspecto, 74% citam uma motivação pessoal (“ser alguém solidário/a”), enquanto apenas 11% têm como motivação os deveres/ensinamentos religiosos. As demais 15% das pessoas justificam sua atitude entre retribuir algo que recebeu, fazer a diferença e dever de cidadania ou melhorar a autoestima.

Percebe-se com os dados da referida pesquisa que há um amplo movimento social no sentido da ação voluntária, o que também torna possível a manutenção das atividades das associações comunitárias, pois estas necessitam de doações constantes para a realização do trabalho, principalmente no quesito de doações de alimentos, roupas e material de limpeza. Com isso, se forma um círculo de dependência (ou de trocas) entre voluntários eventuais e de fora da comunidade, que suprem as necessidades básicas de mantimentos das associações comunitárias, e as voluntárias de tempo integral, que dedicam suas vidas para manter as portas de suas instituições abertas e o trabalho perene.

Para as mulheres da Associação Tia Lolô e da Associação Casa da Sopa, o estímulo para a ação solidária, nesse contexto, pode ter entre as motivações de sua ação, a solidariedade e a noção de obrigação moral com seus semelhantes, numa espécie de reflexo nos agentes de sua própria humanidade e similitude das condições de existência. Assumindo, assim, o dever de agir, dentro da noção de reciprocidade e do contrato social, as quais estão presentes na perspectiva da dádiva, que será abordada a partir de agora.

## **1.2 - O ensaio sobre a dádiva e seus desdobramentos**

O conceito de dádiva (ou dom), formulado por Mauss, introduz as trocas espontâneas (retomarei a questão da espontaneidade mais adiante) como fundamento da vida social das sociedades pesquisadas. Esta foi uma característica

presente em todos os sistemas sociais analisados pelo autor, seja na Polinésia, Melanésia ou no noroeste norte-americano, direito romano, germânico, entre outros. Para Mauss, as trocas permeiam toda a vida social dessas comunidades, sendo uma forma de “contrato social” entre seus integrantes. O autor afirma que este procedimento “*trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca*” (MAUSS, 2003, p. 212)

Neste sentido, de contrato social, a dádiva engloba três aspectos fundamentais em seu funcionamento como prática contratual (ou de prestações e contra-prestações), que é a obrigação de dar, a obrigação de receber e a obrigação de retribuir. Este sistema foi a base da vida social destes povos, nos mais variados níveis. (MAUSS, 2003, p. 243) Dessa forma, a noção de espontaneidade da troca é substituída pelo aspecto obrigatório desta, já que é socialmente inadmitido a possibilidade de não dar, não receber ou não retribuir.

Neste contexto, a questão do simbolismo (mesmo que implícito) das trocas como fundamento da vida social nesses sistemas sociais aparece como uma ideia importante para a compreensão destes. Surge então a noção de “status social” que a dádiva carrega.

Ademais, a prática da dádiva, além de ter no seu cerne a simbologia do poder e da honra, possui a função de sistema econômico e jurídico das sociedades dela praticantes, o que o autor irá cogitar, como hipótese, que tal regime “*deve ter sido o de uma grande parte da humanidade durante uma longa fase de transição [...] das sociedades que ultrapassaram a fase da ‘prestação total’, mas ainda não chegaram ao contrato individual puro, [...] à venda propriamente dita...*” (MAUSS, 2003, p. 264). O autor traz, então, suas conclusões para a sociedade moderna ocidental, fazendo um paralelo entre os povos analisados, ditos “primitivos”, e as percepções morais da sociedade contemporânea, onde a “*dádiva, obrigação e liberdade se misturam*” (MAUSS, 2003 p. 294) nos costumes (habitus) de dar e receber presentes, mas também nos regimes de previdência social, entre outros.

No centro de sua concepção teórica, Mauss procurou trabalhar, conceitualmente, com “*atos sociais totais*”, como o autor cita em suas

conclusões, quando deixa explícito que, os povos por ele pesquisados, “*põem em ação, em certos casos, a totalidade da sociedade e de suas instituições*” ou ainda, quando as trocas e contratos dizem respeito principalmente ao indivíduo, um número muito grande de instituições. Neste contexto, Mauss afirma que, utilizando-se da teoria da dádiva, “*é possível estudar, em certos casos, o comportamento humano total, a vida social inteira.*” (MAUSS, 2003, p. 309).

Esta característica de enfatizar as instituições e a coerção que estas exercem sobre o indivíduo em sua metodologia de pesquisa, reforçada pelo fato de o autor ter ligação estreita com Durkheim, nos remete ao entendimento durkheimiano de fato social (DURKHEIM, 2001), que parece ser fundamental para a obra de Mauss. E esta também pode ser considerada como preponderante na análise de Bourdieu sobre o conceito da dádiva.

Em seu artigo intitulado *Marginalia. Algumas Notas Adicionais Sobre o Dom* (BOURDIEU, 1996), Pierre Bourdieu aborda a teoria da dádiva (dom) e vincula esse fenômeno aos temas centrais de sua obra, como o conceito de habitus e o poder simbólico nas relações sociais, principalmente no que tange ao aspecto da dominação social que este poder confere.

Para Bourdieu,

A economia do dom, ao contrário da economia do “toma lá, dá cá”, baseia-se em uma denegação do econômico (em sentido estrito), em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico, isto é, do espírito de cálculo e da busca exclusiva do interesse material (por oposição ao simbólico), que está inscrito na objetividade das instituições e nas disposições. (BOURDIEU, 1996, p. 11)

Bourdieu refuta a lógica “etnocêntrica” do raciocínio meramente economicista para explicar o dom. Para o sociólogo francês, existe uma dupla verdade no ato de dar, seu caráter generoso e obrigatório. Nesse sentido, Bourdieu sustenta que a economia da troca (racional, econômica e de equivalências) se desenvolveu através de uma “*revolução simbólica*” do dom, não sendo aquela algo inerente à natureza humana, que, como se pode depreender da afirmação do autor, seria a economia do dom humanamente inata, e a economia calculista uma subversão simbólica desta (BOURDIEU, 1996, p. 20).

Isso não significa que o dom seja uma ação desinteressada, ele foge da lógica economicista em sentido estrito (a lógica da economia moderna), mas não deixa de ter a característica do interesse, a expectativa de ser retribuído. Ou seja, espera-se o contradom. O intervalo entre o dar (dom) e receber (contradom) está na centralidade do que o autor chama de uma economia dos bens simbólicos.

É o intervalo temporal entre o dom e o contradom que permite ocultar a contradição entre a verdade vivida (ou desejada) do dom como ato generoso, gratuito e sem retribuição, e a verdade que o modelo revela, aquela que faz do dom um momento de uma relação de troca transcendente aos atos singulares de troca. Ou seja, o intervalo que possibilita viver a troca objetiva como uma série descontínua de atos livres e generosos é o que torna psicologicamente viável e vivível a troca de dons, ao facilitar e favorecer a *self deception*, a mentira para si mesmo, condição da coexistência do conhecimento e do desconhecimento da lógica da troca. Ou seja, o intervalo que possibilita viver a troca objetiva como uma série descontínua de atos livres e generosos é o que torna psicologicamente viável e vivível a troca de dons, ao facilitar e favorecer a *self deception*, a mentira para si mesmo, condição da coexistência do conhecimento e do desconhecimento da lógica da troca. (BOURDIEU, 1996, p. 7-8)

A longa citação acima se faz necessária pela centralidade da passagem para a ideia de Bourdieu sobre a dupla verdade do dom (generoso e obrigatório) e para uma espécie de consciência subjacente da expectativa e necessidade da retribuição nestas relações simbólicas e de poder. O autor sintetiza esse esquema mental como *“um trabalho coletivo de manutenção do desconhecimento, que tenta perpetuar uma fé coletiva no valor do universal, que nada mais é que uma forma de má-fé (no sentido sartreano de mentira para si mesmo) individual e coletiva”* (Idem).

Essa proposição complexifica sobremaneira a teoria da dádiva, que, ao fim e ao cabo, seria uma espécie de hipocrisia coletiva, aceita como necessária, numa espécie de jogo de cartas marcadas, onde todos conhecem seu papel e todos sabem o que têm a ganhar e a perder, grosso modo. Isso se insere de forma coerente nos conceitos de habitus e dominação simbólica do autor.

A teoria da dádiva é objeto de estudo de muitos pensadores desde sua publicação, na década de 1920. Na década de 1980 o “Ensaio Sobre a Dádiva” foi retomado com muita vitalidade, por sociólogos como o canadense Jacques Godbout, para quem a teoria fundada por Mauss tem capacidade de se tornar um dos paradigmas das ciências sociais, com capacidade de contrapor o paradigma considerado por este como neoliberal, que se apresenta com diversos nomes, tais como a teoria da escolha racional, a racionalidade instrumental, o individualismo

metodológico, o utilitarismo, *homo economicus* e a teoria econômica neoclássica (GODBOUT, 1998, p. 39). Essa explicação, ou esse paradigma, se tornou uma espécie de verdade absoluta, ou, nas palavras do autor, num postulado como esquema explicativo da ação humana. E é esse “privilégio paradigmático” que o autor se propõe a questionar.

Nesse sentido, Godbout questiona:

*Com o individualismo e o holismo, dispomos aparentemente de dois princípios de explicação da ação humana: o interesse e a interiorização das normas. Mas existem, realmente, dois princípios? Por que é absolutamente necessário postular que os comportamentos cujo móvel não é o interesse devem ser aprendidos, interiorizados?* (GODBOUT, 1998, p. 47).

Esse questionamento de fundo é primordial para sustentar sua proposta. Afinal, se a ação humana não for pautada pelo interesse, podemos questionar o paradigma dominante que pretende explicar a ação humana pela escolha racional e também o que defende que o agir humano se insere no contexto da coação das regras sociais. Ou seja, o que Godbout defende como perspectiva da dádiva também vai de encontro à abordagem do *habitus* de Bourdieu. Para Godbout, “a “verdadeira” dádiva é um gesto socialmente espontâneo, um movimento impossível de captar em movimento, uma obrigação que o doador dá a si mesmo, mas uma obrigação interna, imanente.” (GODBOUT, 1998, p. 48). Dentro dessa premissa, a obrigação de dar não se origina nas regras das instituições sociais, mas tem sua origem na própria condição humana. É algo inerente ao indivíduo da espécie. Quando a dádiva se torna um dever, esta se desvirtuou, pois quando o ato de dar se torna uma obrigação, ela foi corrompida pelas forças externas. Em suma, o ato de dar dentro do paradigma da dádiva proposto por Godbout jamais será por obrigação normativa ou por interesse racional em receber. Godbout, então, inverte a lógica dominante como hipótese:

Em vez de partirmos do atrativo do ganho, postularíamos o atrativo da dádiva. Estabeleceríamos o postulado de que os seres humanos têm primordialmente vontade de dar. Se a dádiva tiver o estatuto de postulado, a questão a ser colocada a seu respeito não será mais aquela que se costuma fazer: o que é que faz com que demos, apesar de sermos fundamentalmente egoístas, receptores, apesar de sermos basicamente movidos pelo desejo do ganho? A questão seria invertida, e passaria a ser: o que nos impede de dar? O que faz com que certas pessoas não dêem, ou dêem pouco? Ou, o que faz com que, em determinadas circunstâncias, não se dê, ao passo que em outras se é mais inclinado a dar? Inverte-se o sentido da pergunta, e isso não é pouco. [...] Postulando o atrativo da dádiva no lugar do atrativo do ganho, opera-se uma inversão [...], e a questão

passa a ser: o que impede os membros de uma sociedade de dar? O que freia o atrativo da dádiva? O que faz com que se resista à dádiva, com que se retenham as coisas, em vez de fazê-las circular? Colocando a questão desse modo, abandonaremos uma posição exclusivamente defensiva em relação ao paradigma dominante, sem negarmos o postulado do interesse. (GODBOUT, 1998, p. 45)

Normalmente (e essa pesquisa se insere nessa lógica), quando abordamos o tema da dádiva, na capacidade do indivíduo dar sem a garantia de receber algo em troca, a pergunta frequente é: o que faz com que alguém tome essa atitude (em tese) desinteressada? Por qual razão algumas pessoas possuem essa capacidade de dar?

Nessa perspectiva, subentende-se que o ser humano age por natureza de maneira interessada, na lógica do toma-lá-dá-cá, nos termos utilizados por Bourdieu. Com a inversão da premissa fundamental, Godbout defende algo que pode ser revolucionário para o campo do conhecimento das ciências humanas.

Outra abordagem conceitual importante na concepção deste trabalho é a teoria do reconhecimento, nos termos propostos pelo filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth. Grosso modo, Honneth propõe que as pessoas agem em busca da valorização do seu trabalho como algo que contribua para a sociedade. Para o autor, as mudanças sociais ocorrem pela luta das pessoas por reconhecimento.

Essa expectativa de reconhecimento atingiria três aspectos da vida. A luta por justiça, a necessidade de obterem afeto e autoconfiança, e a valorização do seu trabalho como realização humana relevante. Para Honneth, o que move a sociedade é a busca de reconhecimento pelas pessoas: estima, respeito (justiça) e confiança. Na obra *Luta por Reconhecimento* (HONNETH, 2003), originada de sua tese de livre-docência, de 1992, Honneth traça a argumentação que confere os pilares necessários para seu posicionamento.

Em sua construção teórica, Honneth defende que as mudanças sociais ocorrem através da luta das pessoas e dos grupos sociais por reconhecimento. Essa proposta pretende dar novo direcionamento para a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Assim como Habermas, Honneth procura, com seu trabalho, corrigir as lacunas identificadas pelo autor na argumentação de seus antecessores.

Em linhas gerais, a luta por reconhecimento possibilita o conflito social e este possui a capacidade de transformar a sociedade. Este é o aspecto central de sua teoria, que coloca a agência humana no centro do debate.

Neste esquema teórico, o autor irá elencar três dimensões individuais que desencadeiam a luta por reconhecimento: confiança em si, a estima e o respeito. Respectivamente, estas esferas estão conectadas com a realização de projetos pessoais, o reconhecimento social do seu valor como indivíduo e a busca por justiça. Honneth salienta, entretanto, que:

...nem todas as três esferas de reconhecimento contêm em si, de modo geral, o tipo de tensão moral que pode estar em condições de pôr em marcha conflitos ou querelas sociais: uma luta só pode ser caracterizada de “social” na medida em que seus objetivos se deixam generalizar para além do horizonte das intenções individuais, chegando a um ponto em que eles podem se tornar a base de um movimento coletivo. (HONNETH, 2003, p. 256)

Relacionado com a dimensão da confiança, conforme cita o autor, o *“amor, como forma mais elementar do reconhecimento, não contém experiências morais que possam levar por si só a formações de conflitos sociais.”* (Idem). Essa delimitação salientada por Honneth torna-se importante para a defesa da sua proposta perante possíveis argumentações que acusem este esquema de possuir um subjetivismo (psicológico) exacerbado. Assim a luta por reconhecimento, com base na busca por estima e respeito social, teria a capacidade de mudar as estruturas da sociedade. Para Honneth, *“os indivíduos precisam se saber reconhecidos também em suas capacidades e propriedades particulares para estar em condições da autorrealização, eles necessitam de uma estima social que só pode se dar na base de finalidades partilhadas em comum.”* (HONNETH, 2003, p. 278). Esta teoria que procura explicar a agência humana tem a capacidade de se tornar um complemento teórico para a teoria da dádiva, em contraponto da explicação da ação (escolha) racional, que entende que o indivíduo age, invariavelmente, em busca da maximização do lucro, ou na busca de vantagens pessoais. Também diverge da lógica estruturalista, onde a ação humana é condicionada por forças externas, retirando o protagonismo da agência individual e consciente.

O presente trabalho filia-se teoricamente a este debate. Mais especificamente na possibilidade de vislumbrar o caráter dualista (ou mesmo pluralista) do trabalho voluntário, nos moldes do proposto por Bourdieu, quando o autor se debruça sobre a teoria da dádiva/dom de Mauss. E acerca do anseio por reconhecimento social das pessoas por suas ações, para o atingimento de uma autorrealização, conforme defende Honneth.

Por óbvio, mas insta ressaltar, que o trabalho em tela não tem a pretensão de ser conclusivo sobre as motivações, conscientes ou inconscientes, das personagens aqui abordadas. O intento principal é a realização de uma abordagem empírica, através de um estudo etnográfico, e o levantamento de algumas questões sob a luz das teorias sociológicas e antropológicas aqui delineadas. Espera-se, com isso, contribuir de alguma forma para com a temática, em especial com o debate sobre a teoria da dádiva, que ainda possui grande relevância em tais campos do conhecimento.



## CAPÍTULO II

### **A Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus**

No capítulo que segue, será apresentado o resultado do exercício etnográfico realizado na Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô<sup>5</sup> do Ônibus (ou apenas Associação Tia Lolô), localizada na Vila Orieta, em Viamão-RS. Apresentaremos como se deu início ao trabalho voluntário comunitário iniciado por Losangela Martins (a tia Lolô), e o panorama atual da instituição. Além do depoimento de uma voluntária em tempo integral do local, Isabel Vieira, que proporciona um ponto de vista distinto da fundadora quando se refere ao trabalho na Associação Tia Lolô.

A pesquisa se desenvolveu com a observação participante e, principalmente, com entrevistas não diretas com as duas personagens acima referidas. A história de Losangela é o fio condutor principal do capítulo, sendo sua transição de profissional autônoma para voluntária comunitária em tempo integral o aspecto principal do capítulo. Sua trajetória é inerente à associação comunitária que fundou, como poderemos constatar a seguir.

O meu retorno àquele ambiente, agora como pesquisador, foi um tanto turbulento, dificultado por um acontecimento que alterou a rotina de todos na instituição, mas especialmente a de Losangela. No final de abril de 2019, e durante o mês de junho do mesmo ano, a comunidade da Vila Orieta como um todo, sobretudo as pessoas diretamente envolvidas com o projeto social, tinham foco no “fato do ano”. Losangela iria participar de um dos mais populares programas televisivos do maior e mais poderoso grupo de mídia do país. O programa chamado “Caldeirão do Huck” da Rede Globo de Televisão, do famoso apresentador de TV, Luciano Huck, que fora inclusive especulado como possível candidato à Presidência da República nas eleições de 2018, tal a sua popularidade e penetração nos meios populares.

---

<sup>5</sup> Tia Lolô, ou apenas Lolô para os adultos, foi o modo que Losangela Martins passou a ser chamada pelas crianças quando começou a recebê-las em sua casa para prestar reforço escolar. Com o tempo, a alcunha tornou-se marca pessoal. Quando da fundação da instituição, o apelido recebeu um complemento, relacionado ao ônibus onde as crianças foram acolhidas durante boa parte do tempo, nos primórdios do trabalho voluntário realizado.

Compreensível que esse frenesi tenha tomado conta de todos, afinal, não é sempre que a cidade de Viamão, e a Vila Orieta, recebem celebridades de tal porte. Pelo que pude observar (e depois também soube por algumas conversas que tive com as pessoas que ali se encontravam quando das minhas visitas) a Associação Tia Lolô seria agraciada pelo programa televisivo com um novo espaço e novos equipamentos, proporcionando a oferta de cursos técnicos aos adolescentes atendidos.

Nesse período de construção do novo espaço, Losangela estava indisponível para conversarmos. Somou-se a sua rotina, deveras atarefada, os compromissos com a produção do programa, que não eram poucos. Dentre eles, inclusive, uma viagem ao exterior com o famoso apresentador, e para um local muito distante geograficamente, à Coréia do Sul. Esse episódio acabou atrasando meu cronograma de entrevistas, pois queria, antes de qualquer coisa, informar Losangela sobre minha intenção de pesquisa no ambiente de sua instituição e pedir-lhe autorização para isso.

Passado o ápice do inusitado acontecimento, consigo conversar com Losangela novamente, que, muito atenciosa, permitiu prontamente minha pesquisa e se disponibilizou para o que fosse necessário, inclusive mobilizando as voluntárias para me dar a atenção necessária. A partir daí, comecei a realizar as entrevistas não-diretivas. Optei em conversar de forma mais sistemática apenas com Losangela e com a voluntária Isabel, que se tornaram, dessa forma, as personagens deste trabalho, visto que estavam entre as mais longevas voluntárias do local e dispostas em colaborar e contar suas histórias.

O ano é 2019, na transição do outono para o inverno dessa região, onde o frio, por vezes, é severo. Já tinha algum tempo que não visitava o brechó beneficente da Tia Lolô. Anteriormente, estive ali algumas vezes, acompanhando minha esposa. Durante estas visitas tive a oportunidade de conversar com Losangela. Sempre me chamou a atenção imaginar e tentar interpretar como aquele local se desenvolveu. Não era uma percepção antropológica, ainda não tinha qualquer instrumentalização para isso. Meu olhar e meu ouvir ainda não estavam disciplinados (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000) para tal capacidade perceptiva.

Mesmo assim, por interesse pessoal, procurava absorver o máximo de informações daquele contexto, seja em conversas aleatórias com as pessoas presentes no local, ou observando cuidadosamente o ambiente, tendo atenção aos

detalhes daquele lugar. O espaço que mais frequentava era onde as roupas ficavam expostas. Aquele local, uma espécie de galpão de alvenaria, que nas conversas posteriores fiquei sabendo que já tinha sido uma construção em madeira rústica, do tipo que aqui no RS costuma-se chamar de “costaneira”, isto é, a parte externa do tronco da árvore, é o ambiente de convívio das crianças atendidas durante a semana e local de exposição das roupas aos sábados.

É perfeitamente perceptível que o espaço é estruturado, na medida do possível, para o convívio das crianças, dentro do que as condições econômicas e mobiliárias permitem. Seja pelas cadeiras baixas, os livros lúdicos e didáticos, os brinquedos acomodados nos cantos, e pelos trabalhos afixados nas paredes. Emblemático também no local é o ônibus que fica numa das laterais, formando uma espécie de sala separada, onde são armazenados dezenas de livros e brinquedos.

Na realidade, percebe-se que o galpão foi construído ao redor do ônibus, e isso possui um aspecto simbólico importante, pois aquela carroceria, hoje encapsulada por paredes de alvenaria e telhado, foi a primeira estrutura fechada onde Losangela abrigou as crianças que lhe procuravam em busca de reforço escolar. Isso ocorreu nos primórdios do que seria seu cotidiano dali em diante, o trabalho voluntário comunitário com as crianças carentes da Vila Orieta, em Viamão.

O ônibus que abrigou as crianças em meados da década de 1990, possibilitando a expansão do seu trabalho, agora é abraçado e protegido por uma estrutura de alvenaria e metal. Ali está amalgamado o passado e o presente daquele trabalho, como um símbolo histórico emblemático de como tudo começou e das dificuldades enfrentadas nos últimos 25 anos.

Algumas poucas vezes adentrei um pouco mais nas áreas restritas, mesmo que, quando ali estive, não se encontrassem as crianças e suas atendentes, pois nossas visitas ocorriam sempre nos finais de semana. Em uma das paredes, chamava a atenção um cartaz afixado que avisava sobre a proibição do acesso ou permanência de homens naquele ambiente durante o período de atendimento aos menores, deixando claro que aquele trabalho é executado exclusivamente por mulheres.

Além do ambiente de convívio, onde aos sábados o público é recebido para o brechó, há diversas salas, onde se percebe de pronto suas funções. Locais onde os mais novos possam dormir, outros para a guarda de mantimentos, a cozinha, com equipamentos industriais, o refeitório, entre outros. Ali é possível perceber que as

refeições preparadas são em volume considerável, visto o tamanho das panelas, fogões, geladeiras e demais itens da cozinha.

Observa-se que o ambiente e a fala de Losangela evidenciam uma permanente preocupação para conseguir manter o local em funcionamento e poder atender todas as crianças e adolescentes socialmente vulneráveis que procuram a instituição. As doações e a renda do brechó beneficente quase nunca são suficientes para fechar a conta dos custos. Entre eles, a energia elétrica e o aluguel do terreno são os itens que mais pesam no orçamento.

Para conseguir algum recurso que viabilize o trabalho da semana e fornecer alimentação suficiente às crianças atendidas, Losangela também trabalha com costura, confeccionando desde uniformes de futebol a panos de prato. Sábados e domingos, quando há torneios futebolísticos no campo, ou festas no salão, que ficam no mesmo terreno da instituição (que Losangela paga aluguel para utilizar), ela também produz doces e salgados para vender aos atletas ou convivas. Todo o recurso angariado é destinado à manutenção da instituição. Ainda assim, quase nunca é o suficiente, pois a demanda segue ascendente e as doações flutuam de tempos em tempos, conforme seu relato.

Com o trabalho iniciado por acaso, conforme relata Losangela, a Associação Comunitária Benficiente Tia Lolô do Ônibus tem características de uma creche ou escola infantil. O local recebe crianças e adolescentes carentes, com idades que variam entre meses de vida e 14 anos, e alguns adultos com necessidades especiais. A instituição é administrada pela própria Losangela, com o auxílio eventual de membros da família e das voluntárias, que se dividem nas inúmeras tarefas no dia-dia da associação. Atendendo uma média de 150 crianças, sobrevive apenas de doações e do trabalho voluntário para conseguir incrementar a renda da instituição.

O que motiva a continuidade do projeto, conforme Losângela, é a retirada das crianças da comunidade das ruas, proporcionando assim uma melhor infância a elas, com alimentação, reforço escolar e recreacionismo. Lolô salienta que o reforço escolar é uma das prioridades da sua instituição. As crianças que participam do projeto estão em situação de vulnerabilidade social, provenientes de famílias humildes da comunidade, que, em muitos casos, passam por situações delicadas no âmbito familiar. Além de proporcionar um local adequado para permanecerem enquanto seus

pais estão fora de casa, as crianças recebem cuidados básicos, como alimentação, banho e roupas limpas durante o período em são acolhidas na instituição.

## **2.1 - “Nada acontece por acaso”**

O relato de Losangela durante nossas conversas se centrou, invariavelmente, em como tudo iniciou e sua história de batalha constante para manter seu projeto social ativo. Fiquei com a sensação de que esse foco em sua narrativa se deve muito a sua percepção do que os inúmeros veículos de mídia esperam ouvir quando a procuram para entrevistas. Lolô está muito habituada com a presença de repórteres e apresentadores de televisão em seu cotidiano. Muitas matérias jornalísticas, de diversas mídias, já a tiveram como personagem. Então, como parece estar acostumada com o roteiro de entrevistas e ter consciência do que essas pessoas que lhe procuram esperam ouvir, Losangela já tem sua história organizada e detalhada, sendo difícil deslocá-la desse roteiro. Apesar disso, seu relato acerca dos motivos, e como tudo teve início, é rico e pertinente para a pesquisa em tela. Em nenhum momento Losangela pareceu estar incomodada em contar os detalhes de sua trajetória. Pelo contrário, ela ainda se emociona quando lembra de alguns episódios emblemáticos de sua vida.

Dessa forma, praticamente a totalidade de nossas conversas se desenvolveu em torno da mesma pauta: a história de como a vendedora de planos odontológicos Losangela Ferreira Martins se transformou na tia Lolô do ônibus. Losangela tinha naquele momento das minhas visitas 54 anos, nascida em Viamão, casada há 34 anos com Sidnei e tendo quatro filhos deste matrimônio. Duas mulheres, de 28 e 26 anos, e dois homens, de 32 e 22. Reside no mesmo endereço, na Vila Orieta, desde seu casamento.

Em seus relatos, frequentemente cita o fato de não ter formação para a atividade que exerce; “não é professora formada”, diz ela. Losangela possui o ensino médio completo. Não foram poucas as vezes, conforme conta, que a falta da formação específica foi utilizada como empecilho imposto por terceiros para a continuidade de seu trabalho. Seja no campo da legitimidade social ou na burocracia estatal. Nesse sentido, a falta de profissionais especializados na Associação Tia Lolô foi motivo para diversas ameaças de interdição do local. Possivelmente devido aos percalços que enfrentou com as instituições estatais, Losangela pareceu refratária a qualquer

contato com agentes políticos do município. Em seu relato, restava evidente uma relação difícil e de alguns enfrentamentos entre os órgãos municipais e sua instituição.

Tudo começou quando seu filho mais velho estava com 7 anos de idade e com dificuldades na escola. Losangela resolveu então auxiliá-lo, proporcionando o reforço escolar que o filho necessitava.

Meu filho estava com muita dificuldade na escola, eu comecei a dar reforço pra ele em casa, aí a professora ficou sabendo e avisou os coleguinhas dele que me procuraram pra ajudar com as matérias também. Daqui a pouco, os que passavam aqui na rua também viam e quando vi, já tinham 12 crianças dentro de casa em poucos dias. (Losangela, 2019)

Mas logo no início Losangela percebe que aquela situação poderia lhe causar transtornos, pois a presença de tantas crianças no interior de sua casa alterou a rotina da família. Era necessária uma adaptação para a continuidade daquele esforço.

Eu gosto muito da casa organizadinha, guardanapo, bibelô... aí já tava tudo fora do lugar e meu marido falou “olha aí, tuas coisas tudo fora do lugar” e então, pra não dar problema com ele, eu coloquei um banco na rua, na frente, na frente de casa. Aí eles se sentavam no chão e colocavam os cadernos em cima do banco, usavam como carteira escolar. (Losangela, 2019)

Até aquele momento, Losangela não tinha ideia da dimensão que sua atitude de compartilhar com os colegas de seu filho o reforço escolar iria tomar. Aqui fica claro que, conforme seu relato da sequência de acontecimentos, que teve o auxílio nas atividades escolares de seu filho como estopim, não havia qualquer intenção de iniciar um projeto social. Mas, como acredita Losangela, “nada ocorre por acaso”.

Depois de alguns meses recebendo as crianças na frente da sua casa, ao ar livre, os rigores climáticos da região começam a inviabilizar a continuidade da atividade, pelo menos da forma como estava sendo executada. Nesse momento entra em cena o ônibus que seria uma marca em sua trajetória, sendo inclusive ligado ao seu “novo nome”, a alcunha que ficou conhecida a partir de então: a Tia Lolô do ônibus.

Um rapaz tinha deixado um ônibus aqui na oficina do meu irmão, aqui do lado, pra ele consertar. Aí ele disse assim “olha tia, eu vejo tu e essas crianças no frio, na chuva, ou no calorão do verão aí na frente...”. Então ele se ofereceu pra deixar o ônibus por um tempo emprestado, pra gente poder usar como sala de aula. Eu não

tive dúvidas, peguei meus caderninhos e fomos todos pra dentro do ônibus. Fiquei com esse ônibus uns 3 ou 4 anos. (Losangela, 2019)

Lolô já estava nessa nova rotina há 4 anos. Mesmo que de modo não premeditado, ela não tinha essa intenção, mas já estava inserida em algo que não poderia mais sair. A partir daquele momento, a sua vida se confundiria com as das crianças da comunidade. Quanto mais conhecido era seu trabalho, maior ficava a sua responsabilidade perante todos. E neste contexto também se faz presente a mídia local, que descobriu sua interessante história.

Quando o ônibus precisou ser levado, foi uma choradeira aqui, relata Lolô:

Tinha uma menina que adorava o ônibus. Quando ele foi embora, ela meio que perdeu a referência. Ela tinha 6 anos na época. Ela chorava muito e eu disse: “Miriam, a tia vai conseguir um outro ônibus e esse vai ficar no nome da tia! Ninguém vai mais tirar o ônibus daqui”. Quando vieram buscar esse ônibus, duas retroescavadeiras não conseguiam tirar, os cabos arrebentavam...

O ônibus não queria sair daqui!

As crianças em cima do barranco (do outro lado da rua) chorando e eu pedindo “parem de chorar, porque senão esse ônibus não vai sair daí...” Aí saiu, e o ônibus foi se desmanchando pelo caminho. Aí eu coloquei uma lona na frente de casa e fiquei com eles dentro do meu pátio. Sabe... eu me emociono muito quando penso nisso. Foi tanto sofrimento pra chegar até aqui... nossa! (Losangela, 2019)

Depois de tudo o que tinha ocorrido, Losangela não considerava mais a possibilidade de encerrar aquele projeto. Entendeu aquilo tudo como uma missão de vida para a qual ela tinha sido escolhida. Era “seu destino”.

Ainda assim, Lolô continuava vendendo os planos odontológicos em Porto Alegre no pouco tempo que lhe sobrava. Quando precisava se vestir “como uma vendedora”, Lolô considerava que ali ela estava montando um personagem, vestindo uma “fantasia”. Losangela tinha definitivamente dado lugar para a Tia Lolô. Esta assumiria o posto para sempre.

Depois do trauma da retirada do ônibus/sala-de-aula, ela teria que achar uma alternativa para continuar sua missão. Pensou em uma possibilidade ousada, e que, certamente daria mais trabalho, o que definitivamente não era um problema para Lolô.

Eu descobri a dona do terreno aqui da frente, e soube que ela pretendia vender. Combinei com ela de alugar o terreno. Eu pago o aluguel até hoje.

Eu trabalhava toda bonitinha, de terno e salto alto. Chegava em casa, tirava a fantasia, pegava a enxada e ia capinar. No outro

dia, com as mãos puro calo, saindo sangue, meu diretor falava, mas o que tu faz pra ficar com essas mãos? Minha vizinha dizia “pelo amor de deus, Lolô, para com isso que tu não vai conseguir! Eu dizia, vou sim. Combinei com meu marido que a gente poderia fazer um campo de futebol ali, e ele disse: vamos. Consegui uma parceria com a prefeitura e eles nivelaram o terreno. (Losangela, 2019)

Até aquele momento, Losangela ainda não era avessa ao contato com os agentes públicos, e o auxílio da prefeitura para nivelar o terreno proporcionou a construção do campo de futebol e a possibilidade de levantar recursos com eventos esportivos nos finais de semana. Algo que ainda ocorre cotidianamente no local.

Dali em diante, não haveria mais espaço para fantasias e personagens. A partir daquele momento, Lolô dedicou-se integralmente para a consolidação do seu projeto, e fundou a Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus, sediada no terreno alugado em frente à sua casa. Aluguel que, apesar do desafio mensal de conseguir dinheiro, Lolô faz questão de pagar, por compreender como justo, por estar utilizando um terreno que não lhe pertence, conforme afirma.

A primeira estrutura montada era um galpão de madeira rústica, as costaneiras. Apesar do material não ser de boa qualidade, sobretudo estética, foi obtido devido à perseverança de Lolô, que lutou para conseguir essa doação da prefeitura. Como ela cita, *“se eu sei que tu tens um osso e não vai usar, eu já tô interessada no osso pra fazer uma sopa.”*

Então eu pedi para a prefeitura umas madeiras que eles usavam pra fazer os galpões para comemorar a Semana Farroupilha. Eles me disseram que já tinham a quem doar, alegaram que era pra pessoas que não tinham onde morar. Eu quis saber quem eram essas pessoas. Porque eu acho que o que eu quero fazer vai ser bem melhor.

Aí eu descobri que eles tinham uma espécie de acordo entre amigos. A pessoa que ia receber tinha uma fazenda e já tinha um galpão, e iria aumentar ele com a madeira que iria receber. Era pra eles fazerem aquela churrascada no final de semana, aquelas coisas. Fui pelo caminho certo e consegui a doação. (Losangela, 2019)

Até aquele momento, a relação de Losangela com os agentes políticos era positiva e rendia frutos para seu trabalho. Lolô já era reconhecida na comunidade e pelas autoridades da cidade de Viamão, sua atividade começava a ganhar visibilidade para além da vizinhança. Com algumas matérias de jornalísticas já veiculadas contando sua história, seu projeto é reconhecido por pessoas de outras cidades do



estado. A alcunha “Tia Lolô do ônibus” lhe rendeu um presente inesperado, que viria da região serrana gaúcha, acompanhada de uma extensa divulgação na mídia, que certamente conferiu visibilidade ao dirigente do clube de Caxias do Sul.

Estou ali há uns dois anos e alguma coisa e recebo uma ligação do presidente do Juventude de Caxias do Sul (clube de futebol). Ele disse que tinha uma surpresa para mim. Era um ônibus novo com meu nome para ser uma sala de aula. Quando chegou aqui, foi uma festa, veio jornal, repórter... (Losangela, 2019)

Mas surgem os percalços a serem enfrentados, como em qualquer missão.

Mas tudo que é bom dura pouco, porque aquela sala de aula era linda, e o pessoal começou a depredar, retirar as coisas de dentro...

Assim... eu nunca tive nada de valor, mas entravam e levavam os cadernos usados, fraldas das crianças, essas coisinhas assim. Quebravam os vidros, entravam e levavam. Aí eu fui colocando lambris, uma coisa e outra pra tentar proteger. (Losangela, 2019)

Essas dificuldades nunca foram suficientes para mudar o caminho de Lolô, trilha que ela não escolheu, mas abraçou como a causa de sua vida. Os ataques no seu novo ônibus foram um combustível para que Lolô desse um novo passo. Era preciso proteger aquela sala de aula tão simbólica.

Daí eu disse pro meu marido: eu vou fazer um telhado e cobrir esse ônibus... ele disse, tu é louca Lolô? Da onde tu vai tirar dinheiro pra fazer isso? Aí comecei a juntar latinhas. Estava um dia em Porto Alegre, fui juntar uma latinha na (avenida) Cristóvão Colombo e veio um caminhão e quase me atropelou. Ele freou e buzinou de uma forma que eu lembro até hoje, parece que tô vendo.

Quase que eu morri por causa de uma latinha.

Aí tinha uma moça na calçada que viu a cena e me perguntou: Nossa! Tu estás juntando latinha, não viu o caminhão? Respondi que não tinha visto. Estava tão atucanada e não vi.

Ela aí perguntou: mas porque tu junta latinha? Aí eu disse que tinha um projeto e tal...

Aquela moça era da pastoral da PUC-RS e ela levou essa ideia pro pessoal da PUC, eles fizeram uma festa de fim de ano e gincanas de arrecadação de latinhas e trouxeram todas pra mim. Naquela época, o dinheiro da venda das latinhas deu pra comprar toda a ferragem para a estrutura do telhado. (Losangela, 2019).

Aquele dinheiro e um crédito na base da confiança pessoal em uma madeireira da região, que levaria mais de 5 anos para ser quitado, proporcionaram uma nova estrutura para Lolô, suas voluntárias e as crianças atendidas. Confirmava-se, em seu entendimento, mais uma vez o mantra de Lolô *“eu sempre digo: nada é por acaso, tudo tem um porquê”*

Como “nada é por acaso”, a narrativa da minha interlocutora é muito coerente. Sempre que enfrentava uma dificuldade, esta seria uma oportunidade para melhorar as condições de seu projeto. A sua vida estava direcionada para o trabalho voluntário comunitário.

Entra em cena novamente o poder estatal, mas agora não como parceiro e sim com o peso da burocracia. Durante uma fiscalização, a prefeitura notifica a Associação Tia Lolô, que precisaria se adaptar ou seria fechada. Essa adaptação deveria ser na estrutura física das dependências e na presença de profissionais especializadas, como pedagogas e nutricionistas. Lolô centra sua narrativa nas questões estruturais, pois era a principal ameaça de encerramento compulsório daquele importante trabalho comunitário.

Quando mudou a prefeitura, me disseram que eu precisava fechar a escolinha, porque não poderia ser de madeira. Aí eu me lasquei! Aí eu fiquei doida! As crianças perguntavam se eu iria fechar e eu dizia: não vou, não vou!

Fiz no mimeógrafo folhinhas e fui para as sinaleiras e dava o papel para os motoristas. O pessoal baixava o vidro e dava o dinheiro. Eu não aceitava, não deixava ninguém pegar dinheiro.

Não era pra pegar o dinheiro. A gente sabe o que vai fazer com o dinheiro, mas eles não sabem disso. Eles só querem se livrar da gente. Eu queria convidar eles pra virem conhecer o meu trabalho pra ver o que poderiam fazer pra me ajudar.

Foi maravilhoso, porque vinham senhoras idosas que traziam alguns tijolos em sacolas, pessoas com saquinhos com areia. Foi maravilhoso. (Losangela, 2019).

Então finaliza nossa última entrevista com um resumo de sua trajetória: *“Durante todo esse tempo a gente foi plantando. Durante todo esse tempo eu acho que já passaram mais de 5 mil crianças por aqui.”* (Losangela, 2019)

Lolô também comenta que sua família lhe apoia irrestritamente e que não se arrepende de ter seguido esse caminho. Não escolheu a missão, mas não reclama da trajetória que acabou trilhando. Pelo contrário, demonstra que, apesar de todas as dificuldades, tem orgulho dos resultados de seu projeto social.

Parece evidente na narrativa de Lolô a dualidade de sua ação, que transita entre a solidariedade e a obrigação. Para Mauss, no regime da dádiva, a vida material e moral, a troca, funcionam de uma forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo (MAUSS, 2003, p. 232). No seu caso, o aspecto de obrigação moral de seu trabalho parece ter se tornado preponderante com o passar dos anos. Ela tem muito

orgulho de sua trajetória, mas, em muitos momentos em que estive na instituição, foi possível perceber um cansaço em Losangela, como se carregasse um fardo bastante pesado, mas impossível de se desfazer. O reconhecimento social de sua atividade e a obrigação de prosseguir parecem ser os motivadores atuais de sua permanência como voluntária comunitária.

## **2.2 - O relato de Isabel Vieira**

Tínhamos uma combinação prévia de conversar com a dona Maria, já havia exposto o objetivo de ouvi-la sobre o trabalho que ela realizava há tanto tempo com Losangela. Minha escolha por esta interlocutora se dava pelo fato de já conhecê-la de outras visitas que fiz ao local. E também me animava a forma espontânea de Maria falar, descontraída e muito aberta ao diálogo.

Ocorreram desencontros que impossibilitaram a nossa interlocução, e nos últimos dias que estive ali, Lolô, sabendo de minha intenção de conversar com uma das voluntárias, perguntou se haveria algum problema se não fosse Maria a minha interlocutora. Respondi prontamente que não, pois minha escolha se devia ao fato de já termos conversado informalmente algumas vezes, o que iria facilitar nosso diálogo.

Preocupada com a situação, Lolô convidou Isabel e perguntou se estaria disponível para conversar comigo. Esta aceitou prontamente. Já conhecia Isabel de vista, mas nunca tínhamos trocado palavras além dos cumprimentos cordiais e amenidades. Foi uma grata surpresa interagir com Isabel, ela se mostrou muito gentil e disponível, não demonstrando nenhuma pressa e parecendo preocupada em responder de forma detalhada o que eu perguntava durante nossas conversas.

Minha interlocutora, Isabel Cristina Mackmillan Vieira, tinha naquele momento 50 anos de idade, casada há mais de 30 anos. Fixou moradia na Vila Orieta há 22 anos. Natural de São José do Norte, cidade do litoral sul do Rio Grande do Sul, espremida entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, Isabel veio morar na capital do estado cedo, assim que se casou. Poucos anos depois, foi morar na atual residência, em Viamão. Mãe de uma filha e dois filhos, de 30, 31 e 26 anos, respectivamente, conta com o apoio irrestrito da família para sua atividade voluntária. Mais do que isso, conforme relata, seu trabalho na Associação Tia Lolô é motivo de orgulho para o marido e seus filhos.

Sem experiência anterior exercendo esse tipo de atividade, estava há pouco mais de 2 anos atuando no cuidado das crianças. Sua principal motivação, como relata, é a vontade de ajudar o próximo, prestar auxílio aos que necessitam. Dessa forma, atua em horário integral no projeto social, chegando cedo e saindo no final do dia, após a última criança ser buscada pelos pais. No sábado, auxilia também no brechó, carregando e organizando as roupas do depósito para o local de exposição e, no final do dia, de volta ao depósito. Tem uma folga durante a semana, em dias revezados com as outras voluntárias e aos domingos, quando a Associação não abre as portas.

Em meu diálogo com Isabel, conseguimos abordar diversos aspectos da sua percepção sobre o trabalho realizado, desde o que a motivou a iniciar a atividade, passando pelo relacionamento entre as pessoas presentes naquele cotidiano, até sobre que tipo de retribuição que almeja (e se almeja) quando atua como voluntária.

Isabel, assim como Lolô, não premeditou sua entrada no universo do voluntariado comunitário, acontecendo por acaso, conforme seu relato.

Assim, eu vim aqui foi por acaso, porque tinha uma festinha e eu vim visitar aqui e as gurias me convidaram e eu ajudei a fazer os salgados naquele dia.

Eu já conhecia o trabalho da Lolô, eu moro aqui próximo e já conhecia o trabalho dela, mas nunca tinha pensado em ajudar antes. Quando eu vim morar aqui, meus filhos já estavam crescidos. Só um que tinha uns 4 anos quando vim de Porto Alegre pra cá. Se no tempo que os meus filhos eram pequenos tivesse um lugar assim... Porque creche é cara e naquele tempo, só pagando.

Então eu fui convidada pra ajudar a fazer os salgados e depois comecei a vir pelas minhas próprias pernas. Eu não estava mais trabalhando, né, estava esperando os exames médicos, aguardando a justiça para me aposentar pelo INSS.

Aí comecei a vir pra cá e gostei. Parece um imã, sabe... tu acorda assim, bah, faz tuas coisas e pensa, tenho que ir lá. Sente falta. (Isabel, 2019)

Conforme conta Isabel, naquele momento em que ajudou a preparar os salgados para a festa, não havia nela qualquer intenção de prosseguir com a atividade. Ela estava apenas visitando o local para conversar com algumas conhecidas. Assim como Lolô, minha interlocutora também se viu envolvida com algo que parecia voluntário de início, mas que no momento que conversamos ela considera uma obrigação. Apesar de ter se tornado um compromisso, Isabel afirma que gosta de realizar a atividade, e sente falta quando não comparece: *“eu venho todos os dias de segunda a sábado, e ajudo aqui, faço muitas coisas aqui e gosto”* (Isabel, 2019).

O reconhecimento por parte das crianças para com aquilo que é oferecido a elas, por meio do trabalho das voluntárias, também serve de motivação para Isabel. Sua tarefa durante a semana é ajudar na cozinha, preparando e servindo a alimentação das crianças. Demonstrou em muitos momentos de nosso diálogo a preocupação em poder oferecer uma “mistura” que deixe o alimento mais atrativo. O que ela chama de mistura, seria algo saboroso que complemente o arroz e feijão de todo dia. Nem sempre é possível, pois quase a totalidade dos alimentos são oriundos de doações, e, invariavelmente, estas ficam restritas aos itens não perecíveis, como arroz, feijão, massa e leite. Essa base é imprescindível para alimentar as crianças, mas nem sempre se torna atrativa ao paladar delas. Se o sabor da comida não é o esperado, o elogio também se torna escasso.

Mas ainda mais importante que os elogios recebidos dos pequenos pelo tempero da comida, Isabel reconhece como fato recompensador da sua dedicação a noção que tem sobre a importância de seu trabalho no auxílio ao próximo, aos que necessitam daqueles cuidados.

A recompensa que eu tenho é ajudar o próximo, né, porque tem criança aqui que não tem o que comer em casa, daí a gente faz coisas pra eles. Pão, bolo, entendeu? Aí é uma satisfação ajudar. Porque tem muita criança que passa fome, a gente sabe. Bah, pelo amor de deus, tem criança que não tem um prato de comida pra se alimentar.

Aí minha satisfação é assim ó, tu fazer o almoço aí no meio-dia ouvir “bah tia, que comida boa!”, né. Eu gosto disso. (Isabel, 2019)

Se as crianças prestam o reconhecimento esperado por Isabel, os pais, em alguns casos, não correspondem ao esperado pelo empenho dela e das companheiras de voluntariado. Questionada se há um reconhecimento da importância de seu trabalho por parte dos pais, Isabel responde:

Tem pais que reconhecem e outros que não. As vezes tem criança que é arteira, né. Aí a gente tem que colocar as vezes 5, 10 minutos sentadinha pra pensar no que fez e tem pais que reclamam porque colocaram seu filho de castigo.

Mas é uma forma de educar, porque educação a gente traz de casa. (Isabel, 2019)

E exemplifica utilizando-se de um caso envolvendo sua própria neta, que fica no turno inverso ao da escola na instituição. Interessante notar que, novamente, durante seu relato, a importância do alimento e do valor de ter a alimentação garantida pelo trabalho das voluntárias se faz presente:

Esses dias aconteceu com a minha neta. Eu coloquei arroz e feijão no prato dela e ela não queria comer o feijão. Aí eu fiquei brava com ela, porque tu não pode dizer isso na frente dos outros, porque se tu falar isso “isso eu não quero, tia. Isso eu não gosto, tia” é um imã pros outros. Não, o exemplo tem que vir de casa.

Eu falei pra todos ouvirem, olha crianças, graças a deus que vocês têm o almoço aqui. Pois tem criança que tá no lixo procurando o que comer e não tem esse prato de comida. Agradeçam a Deus que vocês têm esse prato aqui. Tem que ensinar a dar valor, porque tem muita criança passando fome. Aqui eles têm três refeições. (Isabel, 2019)

Talvez por sua atividade estar relacionada diretamente com o preparo da alimentação, a narrativa de Isabel circunda esse tema preponderantemente. A garantia das refeições é uma preocupação constante na fala da minha interlocutora. Ela salienta que o alimento preparado diariamente não se restringe apenas para as crianças que ali permanecem. Qualquer um que chegar, crianças, adolescentes e mesmo adultos necessitados, terão um prato de comida garantido. Por isso, ela afirma que sempre preparam refeições em quantidade maior que o necessário para alimentar os frequentadores regulares.

Em seu discurso, podemos identificar questões relacionadas à noções de solidariedade e reconhecimento de si e dos seus nas dificuldades enfrentadas por outros membros da comunidade. O fato de sua neta também ser atendida pela instituição, e sua percepção de que precisava dar o exemplo da importância do alimento quando repreendeu a menina, parece se inserir na noção de reconhecimento mútuo que permeia o trabalho voluntário comunitário.

A atividade é dividida em tarefas específicas. As voluntárias cuidam da alimentação, se revezam nos cuidados das crianças mais novas, até 5 anos, e cuidam das crianças e adolescentes em idade escolar, dos 6 aos 14 anos. Além disso, outras voluntárias, que não comparecem todos os dias, auxiliam em atividades recreativas e didáticas. Com os menores o cuidado é integral:

Às vezes tem criança que vem de casa sem banho, as gurias dão banho neles. Pegam uma toalha, dão o banho. A gente pega uma roupa limpa aqui. Às vezes, tem criança que chega com a cabeça cheia de piolhos. As gurias pegam e limpam a cabecinha deles. A gente faz tudo aqui. (Isabel, 2019)

A gente que faz tudo por lá, citada por Isabel, é composta por Lolô e mais 11 voluntárias fixas. Ou seja, naquele momento, eram 12 pessoas que convivem diariamente num ambiente desafiador, onde há dificuldades de toda ordem. O relacionamento entre essas pessoas, num convívio prolongado, na percepção de

Isabel, é bom. Os atritos naturais são resolvidos rapidamente. É interessante pensar que essas pessoas estão ali por vontade própria, ou, pelo menos, não estão presas sob um contrato de trabalho ou por necessidade financeira, já que não há pagamento de qualquer espécie. Mesmo assim, parece haver um esforço recíproco entre todas para que as dificuldades de relacionamento não interfiram no trabalho comunitário realizado.

A relação é boa, né, tipo assim... às vezes acontece, né... a gente vê as coisas e quer que faça direito. Aí não gosta, entendeu. Porque eu sou da visão assim, quando a gente trabalha a gente tem uma visão do que tem que fazer. Não esperar que alguém fale pra ti, faz isso, faz aquilo. Tu tens que ter a tua visão, eu tenho que fazer isso e aquilo. Cumprir a obrigação, não precisar esperar alguém ter que mandar, entendeu? Porque isso daqui tem que estar limpo e organizado, porque cuidar de todas essas crianças é difícil.

Mas a relação entre nós eu considero boa. Porque, se a gente discute, dali a pouco a gente já está conversando, entendeu? (Isabel, 2019).

Para Isabel, todas as voluntárias devem cumprir suas tarefas com responsabilidade. Assume-se um compromisso voluntariamente, mas a partir desse momento, em sua percepção, há uma obrigação para com os demais. E estas pessoas serão cobradas.

Para além do relacionamento entre as voluntárias, as crianças e seus pais, a maior preocupação de Isabel para o presente e para o futuro próximo é a melhora da qualidade do alimento oferecido. Esse aspecto pautou nosso diálogo do início ao fim. Para Isabel, a maior dificuldade é com relação à alimentação, seja na qualidade ou mesmo na quantidade. Minha interlocutora expressa preocupação com uma eventual insuficiência de mantimentos para o preparo das refeições, face à crescente demanda e a variação no fluxo de doações.

Falta uma mistura na comida, muitas vezes, para melhorar a comida que oferecemos para as crianças. Tem muita criança nova chegando, e há um limite, né? Às vezes tem mais de 50 crianças para o almoço. E está chegando mais crianças. Essa semana entraram mais cinco. Era pra chegar mais 10, só não vieram por causa do frio. Tá sempre chegando. O povo tá procurando muito. (Isabel, 2019).

Isabel também parece obter um satisfatório reconhecimento por seu trabalho junto a sua família. Mais do que aceitar que ela dedique tanto tempo à instituição, ela conta com a admiração e o orgulho do marido e dos filhos por tal atitude. Por sua forma de falar, a ênfase por ela expressada neste momento da nossa conversa, ficou

em mim o sentimento de que o reconhecimento da família é primordial para que Isabel acorde todas as manhãs sentindo vontade de ir trabalhar na Associação. Conjugado a isso, a percepção que ela tem da importância do seu trabalho no auxílio dos mais necessitados mantém sua motivação de continuar como voluntária comunitária.

Minha família me apoia. Meu marido gosta que eu faça esse trabalho. Meu filho também. Ele fala “bah, mãe, que legal tu ajudar elas lá...” Eu conversei com meu marido e ele entendeu e apoiou. Meus três filhos apoiam também. O meu mais velho também é dessa *vibe* de ajudar o próximo. É importante ajudar o próximo, né?

O reconhecimento da importância do trabalho voluntário comunitário desempenhado por Isabel, expressado no apoio familiar recebido, parece ser um dos fatores motivacionais determinantes para sua continuidade. Uma das retribuições almejada por tanto esforço.

Enquanto na narrativa de Lolô percebemos aspectos de uma dualidade em suas ações, que transita entre a generosidade e a obrigação, no depoimento de Isabel, a solidariedade/generosidade se manifesta de modo proeminente. Sua preocupação em “ajudar o próximo” sobrepõe noções relacionadas ao apreço social de suas ações. Neste quesito, o reconhecimento e valorização do trabalho por parte da família parece suficiente.

Losangela apresenta indícios de enfrentar seu cotidiano como voluntária comunitária como um desafio diário complicado, sentindo o peso da responsabilidade que assumiu tantos anos atrás. Mesmo assim, não cogita deixar de dedicar-se ao trabalho realizado. Muito provavelmente por ter em conta a obrigação moral com as crianças de sua comunidade e com a sociedade que legitima seu empenho e abnegação.

Mesmo com motivações e formas distintas de encarar o trabalho voluntário comunitário, a dedicação dessas mulheres, assim como das demais voluntárias, confere as condições para a realização da troca, no registro da teoria da dádiva. Nesse contexto, os componentes dessa rede de dádivas se complementam e proporcionam as condições para a continuidade do trabalho realizado.



## CAPÍTULO III

### **A Casa da Sopa: o voluntariado comunitário de Dionísia Machado**

No presente capítulo, o objetivo é apresentar o resultado da observação etnográfica realizada na Associação Casa da Sopa. Vamos abordar como se deu início ao trabalho voluntário comunitário no bairro Jardim Castelo (ou Castelinho), a consecução desta atividade até os dias atuais e a história de duas personagens fundamentais para a implementação e manutenção do projeto social: Dionísia Machado e Enilda Santos. O trabalho de campo no local teve foco centrado nas conversas informais ocorridas na convivência durante o cotidiano dessas duas mulheres, as quais pretendemos retratar nas páginas que seguem. A superação de diversas dificuldades, como a dependência alcoólica e a cumplicidade destas personagens conduzem o capítulo e a história da instituição.

Após um interregno de dois anos e meio, tendo como causa principal a fase aguda da pandemia de Covid-19, a presente pesquisa foi retomada. A intenção, inicialmente, quando finalizadas as incursões ao campo realizado na Associação Beneficente Tia Lolô do Ônibus, seria iniciar em seguida a prospecção de uma nova instituição, com características semelhantes, para fins de uma pesquisa comparativa. Ou seja, a ideia era encontrar um local conduzido por voluntárias comunitárias, e que, preferencialmente, se dedicasse à assistência das crianças residentes na mesma comunidade onde o projeto estivesse sediado.

Pela característica da pesquisa, o campo só poderia realizar-se de modo presencial. Com isso, optamos por aguardar até um momento seguro para retomarmos as visitas em locais potenciais para a continuidade do trabalho. Então, em meados de 2022, após uma segunda e forte onda de Covid-19, causada pela variante Ômicron do coronavírus, que atingiu fortemente a região metropolitana de Porto Alegre nos primeiros meses do ano, com a ampliação da vacinação e redução dos índices de contaminação e complicações pelo vírus pandêmico, retomamos a pesquisa do estágio onde estava desde o final de 2019. Após longo compasso de

espera, realizei visitas a duas instituições, sobre as quais já havia coletado informações na internet acerca de suas atividades, sendo estes espaços potenciais para a continuidade do trabalho etnográfico sobre o voluntariado comunitário.

Após realizar as primeiras aproximações, a Casa da Sopa pareceu o local ideal para nosso propósito, e isso por várias razões. A primeira era o escopo do trabalho realizado pela instituição, sendo sua prioridade o acolhimento e a alimentação das crianças moradoras do bairro onde está instalada. Além disso, assim como no caso de Losangela, a Casa da Sopa foi idealizada e é gerida por uma mulher residente da comunidade, dona Dionísia, que também começou sua atividade de forma completamente despreziosa e sem imaginar o vulto que seu trabalho iria adquirir com o decorrer dos anos.

Quando conversei pela primeira vez com Dionísia, tive a certeza de que a pesquisa deveria ter sua continuidade contando a história desta personagem e de seu projeto social. De fato, a sua trajetória de vida é muito interessante, inclusive do ponto de vista antropológico, sendo pertinente para os propósitos deste trabalho. Além disso, o acolhimento que recebi também deixava claro que o desenvolvimento da observação etnográfica naquele local teria poucos percalços, sobretudo no que tange à adaptação do pesquisador e sua naturalização no ambiente. E foi dessa forma que transcorreram nossos contatos, obtendo a compreensão e colaboração de Dionísia e sua principal assistente, Enoilda, sendo elas as personagens principais deste capítulo.

Na primeira visita, após me apresentar e explicar qual era meu interesse sobre a instituição, Dionísia consentiu que eu poderia comparecer semanalmente. Seria permitido que eu ficasse o tempo necessário, independentemente de ter atendimento ou não no local nos horários em que me fizesse presente. Para a pesquisa, esse seria um ganho em relação ao campo realizado anteriormente, que ocorreu predominantemente aos sábados, quando não havia atendimento às crianças na Associação Beneficente Tia Lolô.

Com tudo acertado e com os efeitos da pandemia minorados, realizei a primeira incursão ao campo em meados de julho de 2022. Na chegada ao bairro Jardim Castelo, percebe-se que há no ambiente uma beleza natural, local de horizonte amplo, muito arborizado, que, com a luz do inverno, ensolarado naquele dia, deixava as várias

tonalidades de verde ainda mais vibrantes. Após adentrar ao bairro, saindo da estrada asfaltada, há algumas quadras com ruas largas, pavimentadas com paralelepípedos irregulares. Logo em seguida o calçamento não se faz mais presente, dando lugar a ruas de chão batido, com muitos buracos e pequenas valas, onde há presença de esgoto fluindo entre elas em alguns trechos. As casas se tornam mais precárias, e há certa dificuldade de acesso. Esse último percurso é curto, e logo em seguida se avista a instituição, pintada com uma cor forte, em tonalidade entre o laranja e o vermelho, com a inscrição em azul ao lado da porta “Casa da Sopa”. Já em frente ao edifício, encontro muitas crianças brincando, andando de bicicleta ou conversando na rua e também muita receptividade por parte delas. Essa recepção amigável, em verdade, já se fez presente desde a entrada no bairro, quando lá estive pela primeira vez e precisei perguntar duas vezes aos transeuntes onde ficava a Casa da Sopa. Nas duas oportunidades, fui prontamente auxiliado, com uma cortesia genuína, o que me deixou muito à vontade, mesmo antes de chegar até a instituição.

Chegando na Casa da Sopa, em torno das 16h de uma quarta-feira, a primeira pessoa com quem conversei foi uma adolescente chamada Yasmin, que me recebeu um pouco receosa, mas demonstrando querer me auxiliar. Dionísia não se encontrava no local naquele momento. Yasmin ligou imediatamente para ela e me passou o telefone. Constrangido, falei que não precisava se incomodar, que eu poderia esperar sem problemas seu retorno, não havia pressa. Enquanto estava aguardando na entrada da casa de Dionísia (que fica nos fundos do mesmo terreno da instituição) chegou um menino que questionou Yasmin se iriam “dar rancho” naquele dia. Em momentos como esse, fica evidente a necessidade de alimentos básicos aos moradores da comunidade.

Enquanto aguardo, percebo, logo na entrada da casa, um homem negro, na faixa dos setenta anos, com dificuldades de mobilidade e de fala. Logo fico sabendo tratar-se do senhor Fernando, o companheiro de Dionísia, que se encontra debilitado, após episódios recentes de aneurisma cerebral. O menino que tinha feito a pergunta sobre a doação de alimentos, o rancho, retorna, ele parece ter em torno de 12 anos, seu nome é Diogo. Questiona então o senhor Fernando se ele não quer colocar uma calça (Fernando estava sentado numa cadeira de cozinha, vestindo camiseta e fraldas) e prontamente se dispõe a realizar a tarefa. Presenciando a dificuldade do

menino, tendo em vista que o idoso possui sérias dificuldades de movimentar-se e a diferença de peso e estatura entre os dois, vou ao encontro deles e presto auxílio. Consigo ajudar o menino a colocar a fralda e as calças em Fernando. Tudo realizado sob as orientações de Diogo.

Este episódio acabou sendo uma ótima maneira de criar um primeiro vínculo com eles: Yasmin, Diogo e Fernando. Enquanto permanecia esperando Dionísia, descubro que Yasmin, apesar da pouca idade, tem uma filha de 2 anos, que chora e pede colo, enquanto derruba o tênis do pé. Nas pessoas presentes nas redondezas, percebo uma variedade de cores e origens: brancas de cabelos claros e negras, além das variações entre estas tonalidades de pele. Nenhuma delas é predominante, também identifico sotaques característicos de indivíduos oriundos do interior do estado, de mais de uma região.

Passados cerca de quarenta minutos, chega então Dionísia e me avisam que ela está me esperando "lá embaixo", o que seria a entrada do local onde as refeições são produzidas e servidas, a sede da Casa da Sopa. O imóvel é um edifício de 2 andares, relativamente recente e bem conservado, cuja construção foi de responsabilidade de alguém que ninguém sabe quem é, conforme Dionísia me relata logo em seguida. Desço as escadas e encontro uma senhora negra, com aspecto cansado. Ademais, naquele dia, ela estava com dificuldade para respirar adequadamente. Mesmo assim, me cumprimentou de modo muito receptivo.

Entramos em seguida na Casa da Sopa. Dionísia se senta de um lado de uma das mesas do local e eu do outro. Começamos a conversar. Peço mais uma vez desculpas pelo incômodo de atrapalhar a rotina do lugar. Ela comenta que estava no centro de Viamão, buscando remédios para seus problemas de saúde. O mais grave deles atualmente é cardíaco. Dionísia também é portadora de diabetes, e frequentemente está com níveis altíssimos de glicose na corrente sanguínea.

A conversa começa amistosa, cito que, como já tinha lido o seu livro<sup>6</sup> antes da primeira visita, parecia que já conhecia muitas das pessoas que encontrei no

---

<sup>6</sup> Sobre o livro citado, trata-se da obra "*Dionísia mudou as coisas de lugar*" (2021). Produto da transcrição da história oral relatada por Dionísia, gravada e sistematizada em forma de livro pela socióloga e escritora Ângela Hofmann, lançado no final de 2021, por meio do financiamento proporcionado pela Lei Aldir Blanc, em edital lançado pela prefeitura de Viamão-RS. Eventualmente,

ambiente. Comento mais uma vez sobre minha pesquisa e deixo ela à vontade para falar do assunto que quiser. Diferentemente do método utilizado no campo concluído anteriormente, aqui a opção foi realizar apenas conversas informais com minhas interlocutoras, sem gravar ou realizar entrevistas direcionadas. A razão de tal escolha metodológica para a coleta de informações se deu pelo fato de que, desde o primeiro contato com as pessoas do local, percebi que poderia ser mais frutífera uma abordagem informal, como uma conversa livre. Sem aparatos ou blocos de anotações que pudessem engessar o desenvolvimento interlocutório. E com o decorrer das visitas, tive a certeza de que foi a melhor forma de realizar a pesquisa naquele contexto. Para registrar as conversas e as percepções de campo, optei por anotar todos os detalhes sempre que me despedia de cada encontro. Apenas após sair do local utilizava o caderno de anotações.

Dionísia comenta sobre o trabalho desenvolvido, sobre a dificuldade cotidiana de ter alimentos para a sopa (que atualmente não é propriamente esse o prato servido, e sim uma alimentação variada, tendo como base feijão, arroz ou macarrão), dos novos projetos, como construir dois quartos com banheiro para pessoas que precisam de pouso, seja para ajudar como voluntários, ou mesmo indivíduos que precisam estudar e não tem local para ficar na cidade. Quando comento sobre a pesquisa realizada com Losangela, ela afirma conhecê-la, e ter sido ela a escolhida pela produção do apresentador Luciano Huck para ser a atração do programa global, mas recusou o convite e diz não se arrepender da decisão. E que teria indicado Losangela para substituí-la.

Em nosso diálogo, minha interlocutora fala do orgulho da neta formada em administração, que cursa direito e trabalha na Petrobrás. Explica as dificuldades do trabalho, que não adianta ajudar só as crianças, mas também é necessário dar suporte a seus pais. Como exemplo, refere-se aos pais de Diogo, que têm problemas de alcoolismo e ficam o dia todo na instituição, sob seus olhos, só voltando para casa à noite. Também comenta sobre possuir dois auxiliares homens, sendo que um deles trabalha ajudando nos cuidados de seu companheiro, Fernando, que acometido por aneurisma cerebral, não mais se locomove ou se comunica verbalmente.

---

passagens do livro serão utilizadas para complementar informações coletadas durante as visitas e conversas com Dionísia, o que será sinalizado no texto.

Mas quem é Dionísia e como surgiu sua instituição? Aqui será necessário sintetizar a história dessa mulher e da Casa da Sopa, instituição que se funde com sua história desde o início dos anos 2000. E para isso utilizarei, em complemento ao que conversamos sobre sua trajetória de vida, alguns trechos do seu livro narrado, que, de certa maneira, ela resumiu em nossas muitas conversas.

### **3.1 - Após viver nas ruas**

Dionísia Oliveira Machado está atualmente com 75 anos. Tem quatro filhos, todos adultos e residindo em suas próprias casas. Natural da cidade de Triunfo-RS, proveniente de família de agricultores da zona rural do pequeno município, com muitos irmãos e dificuldades para sobreviver no campo. Com a separação de seus pais, ela e um de seus irmãos, ainda crianças, são levados pela mãe para Porto Alegre e doados para uma família residente na zona norte da capital. Nesse período, as dificuldades só aumentaram, conforme seu relato, sendo necessário “ir para a rua” para conseguir algum alimento. Só reencontra o pai na adolescência, quando um cunhado localizou os dois irmãos e os levou de volta para Triunfo.

Alguns anos depois Dionísia se casa, e com o passar do tempo passa a sofrer violência doméstica e muita opressão por parte do marido. Decide então sair de casa, para se livrar de um relacionamento turbulento e repressor. Volta para Porto Alegre e passa a viver em situação de rua na capital. A vida nas ruas e episódios depressivos carregam Dionísia para a dependência alcoólica. Ainda assim, como afirma em seu livro, a decisão de viver nessa condição serviu para ela perder o medo que tinha de tudo, e se libertar da opressão que sofria em sua casa. Vivendo nas ruas se sentia livre para fazer ou deixar de fazer tudo o que queria, na hora em que queria.

Passou então a sobreviver como catadora de material reciclável. Aos sábados, com o dinheiro arrecadado na atividade, conseguia voltar de ônibus até Triunfo para visitar seus filhos. Dionísia vive alguns anos nessa rotina de alcoolismo e situação de rua. Nesse período, conhece Fernando, com quem passa a se relacionar amorosamente. Com os filhos já adultos e a constante preocupação destes com a situação da mãe, vivendo com a insegurança e precariedade de não ter um teto, estes propõem comprar um terreno no bairro Jardim Castelo, em Viamão, para que a mãe se estabeleça no local, juntamente com Fernando. Cansada da rotina dura e incerta

de não ter onde morar, ela aceita a proposta dos filhos e, após longo período, volta a morar em um endereço fixo.

Ainda sob forte dependência alcoólica, Dionísia sofre frequentes crises depressivas, onde o consumo de álcool se torna ainda mais intenso. Mesmo assim, ela decide cumprir a promessa que fez para si mesma quando estava nas ruas: oferecer um prato de sopa às crianças necessitadas quando conseguisse sair daquela condição. E assim iniciou, de modo precário, mas, pelas circunstâncias, o único possível, sua meta de fazer a sopa para as crianças da comunidade onde estava vivendo. Isso ocorre no início dos anos 2000. A primeira panela era uma lata de querosene, o fogão improvisado em seu quintal, com lenha, tijolos e uma grade de ferro para sustentar a lata sobre o fogo. Ainda assim, mesmo tendo um lar e realizando seu desejo de oferecer a sopa às crianças da comunidade, Dionísia relata que sentia muita tristeza, algo que só fazia sua necessidade de ingerir bebida alcoólica aumentar. Só consegue superar a dependência após conhecer um centro budista, localizado ao lado da comunidade do Castelinho.

Durante uma de minhas visitas, minha interlocutora me convida para conhecer o CEBB Caminho do Meio (Centro de Estudos Budistas Bodisatva). Trata-se de uma instituição religiosa de orientação budista, localizada ao lado do bairro Jardim Castelo, fundada em meados da década de 1980 por Alfredo Aveline, então Professor de física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Hoje, Aveline é o Lama Padma Samten, liderança da rede CEBB, que conta com unidades espalhadas em todas as regiões do país. E foi o encontro de Dionísia com o Lama Padma Samten que mudou de vez a sua vida, e, por consequência, possibilitou o surgimento da Casa da Sopa.

Quando estivemos no CEBB, Dionísia vestiu-se de modo diferente. Colocou uma roupa melhor e uma echarpe florida em volta do pescoço. Quando chegamos no local, percebi que a mudança do visual que ela providenciou era necessária. Dionísia é conhecida de todos, e tratada com reverência por quem passava por nós. Na oportunidade, não foi possível conhecer o Lama, que estava em viagem, mas fomos recepcionados por uma das moradoras do CEBB (o local possui uma comunidade residente em seu território).

Logo após o portal de entrada (que permanece aberto durante o dia), Dionísia me mostra a bergamoteira que ela ficara encostada na primeira vez que encontrou o Lama. A árvore fica localizada quase na entrada dos carros, poucos passos para o lado interno. No local, também é possível presenciar as bandeiras coloridas características dos templos budistas, que encantaram Dionísia quando esta entrou no território do CEBB pela primeira vez. Conta que acessou aquele ambiente sem saber do que se tratava, em mais um momento em que estava alcoolizada e vagando pela estrada Caminho do Meio, local de intenso movimento de veículos e sem acostamento. Quando viu aquele portão aberto, entrou e se recostou na bergamoteira. Chorava muito, enquanto permanecia sob o efeito do álcool.

Relata que, enquanto estava lá recostada na árvore frutífera, passado algum tempo, chegou o Lama, de carro. Parando em frente onde estava, desce do automóvel para conversar com ela, expressa que ela era muito bem-vinda ali, que seria sempre bem recebida no CEBB. Conta também do seu espanto ao ver um homem de saia e que começou a rir por isso. Então, o Lama também sorriu e perguntou a ela se estava rindo da cena inusitada de presenciar "um homem de saia". O episódio, ocorrido há mais de duas décadas, ainda está vivo em detalhes na memória de Dionísia.

Logo em frente, após a entrada, num ponto mais alto do terreno, fica o templo. Muito bem cuidado e ornamentado. Apesar de uma decoração cuidadosa, nada ali parece suntuoso. Quando entramos, retirando os calçados como manda a tradição, encontramos apenas uma jovem, que estava terminando de organizar o local após uma palestra. Como chegamos de forma improvisada, não havia ninguém nos esperando. Mas Dionísia discretamente ligou para uma das moradoras da aldeia, que em seguida veio ao nosso encontro. Me apresentei e fomos até um local ao lado do templo, onde há alguns bancos sob frondosas árvores. A temperatura daquele dia estava amena, com um sol radiante e convidativo. Havia uma brisa cálida que combinava com aquele ambiente de serenidade.

Conversamos um pouco sobre a estrutura do CEBB, comentei sobre meu interesse de pesquisa e deixei que elas dialogassem sobre os assuntos da Casa da Sopa. Não era minha intenção fazer perguntas naquele encontro, mas conhecer a instituição que foi peça chave na mudança de vida de minha interlocutora e para o surgimento da Casa da Sopa. Dionísia é, sem dúvida, uma personalidade admirada e



muito respeitada no local. No pouco tempo que ali permanecemos, em torno de uma hora, muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, vieram ao encontro dela, para cumprimentá-la e saber como estava.

Como chegamos num horário pouco adequado, próximo ao meio-dia, percebemos que nossa anfitriã estava com suas atividades domésticas lhe aguardando. Desse modo, não nos detemos muito tempo naquele encontro. Foi interessante perceber o clima de tranquilidade e harmonia do local. Impossível não notar que tudo ali é pensado para exprimir a filosofia budista de serenidade. Entendi perfeitamente a razão que fez Dionísia chegar, entrar e passar a frequentar o CEBB, quando ainda era refém da dependência alcoólica e da depressão. Nos despedimos de nossa anfitriã e Dionísia e eu ficamos mais um tempo observando as crianças que chegavam para a aula da tarde (há uma escola no local) e conversando um pouco mais sobre a instituição e sua relação com esta.

Quando chegou pela primeira vez ao CEBB, sem saber onde estava entrando, sendo bem recebida pelo Lama, a história de Dionísia começou a mudar de rumo. Não há aqui nenhum depoimento de transformação com base na fé, de cunho religioso. O relato de minha interlocutora tem uma conotação voltada ao conhecimento de si mesma, valorização e reconhecimento de sua humanidade e relevância por parte do Lama e da comunidade budista, além de aprender a aprimorar o autocontrole pela prática da meditação, o que foi fundamental para libertá-la da dependência alcoólica.

Quando Dionísia me descreve sua história junto ao Lama e ao CEBB, ela conta os detalhes fundamentais desse relacionamento. Cita que tinha uma personalidade muito arreada, sem paciência para quase nada e pronta para o conflito ao menor atrito. Também comenta que começou a frequentar o CEBB de forma assídua a partir dali, mas nem sempre com a disciplina que os cursos e encontros exigiam. Passou a fazer aulas de fuxico (uma espécie de tapete feito com retalhos de tecidos coloridos), meditação e outras formas de artesanato, que auxiliaram no seu autocontrole e disciplina mental, segundo ela. Mas, ainda assim, não conseguia se adequar a uma rotina de atividades, chegando sempre atrasada ou faltando nos cursos e aulas em que estava inscrita.

Episódio marcante para minha interlocutora foi quando o Lama lhe ofereceu um emprego, para cuidar de sua casa durante o dia. Ainda não estava totalmente livre da bebida, “ainda tomava uns goles”, mas já não era dependente como nos níveis de antes. Mesmo assim, o horário de chegada para compromissos não era o seu forte. Como relata em seu livro, nunca soube o que era cumprir horário exato para entrar ou sair de algum lugar. Sempre trabalhou na roça ou catando lixo, sem depender do relógio para isso.

Em um dos dias em que compareceu muito depois do horário acordado para trabalhar, pensou que seria a gota d’água, que o atraso acarretaria em sua demissão, e com razão, segundo ela mesma. Quando chegou, o Lama já estava quase saindo e veio até ela. Falou então que havia tempos que queria lhe dar um presente. Ela ficou surpresa, pois esperava receber uma reprimenda. Em seguida, trouxe um relógio, que disse ter sido de sua mãe, e um Japamala, uma espécie de rosário, um cordão de contas utilizado para guiar orações e mantras em meditações.

Para Dionísia, aquela foi uma atitude inesperada, que ela compreendeu imediatamente, foi uma forma de ensinamento que marcou sua vida. Em suas palavras, narradas em seu livro: *“Se tu tem um relógio, quer jeito melhor de ensinar? Não foi com grito, nem com xingamento. A partir dali, despertei. São pequenas coisas. São pequenas coisas que me ajudaram, que me fizeram ser outra pessoa.”* (MACHADO, 2019, p. 49).

A partir desse momento, aos poucos, Dionísia consegue se livrar completamente da dependência alcoólica. Passa a “pensar muito antes de agir”, como várias vezes me comentou, e diminuir os episódios depressivos. Reflete então sobre sua própria história, de como a chave para mudança é a conscientização que vem de dentro, sobre uma mudança de postura que ela precisou aprender a realizar. Comenta que é sempre necessário se ajudar e retribuir a mão estendida.

A partir de então, sua atividade com a oferta da sopa às crianças da comunidade começa a se tornar algo mais estruturado. Forma-se uma rede de apoio ao seu projeto, desde quando ela comentou com o Lama sobre o sonho que tinha de oferecer alimentação para os membros de sua comunidade, com ênfase nas crianças. Daquele momento em diante, Dionísia se torna, gradualmente, uma referência não só

na comunidade do Jardim Castelo, mas também para o CEBB, participando de eventos realizados no local, juntamente com autoridades budistas de renome internacional e lideranças comunitárias regionais. Um dos exemplos disso foi o lançamento da carta “Fé na Democracia”, que ocorreu em outubro de 2022, e reuniu entidades budistas e lideranças sociais do Rio Grande do Sul. Entre elas, estava presente Dionísia Machado.

### **3.2 - A contribuição de Enilda**

Como já referido, a Casa da Sopa surge de uma ação improvisada, do desejo de Dionísia em cozinhar a sopa para as crianças de sua comunidade, sem ao menos ter uma panela adequada ou local para isso. Com o decorrer do tempo, as atividades foram se estruturando. Primeiramente, em uma cozinha construída em frente à sua casa, onde era possível oferecer as refeições em uma mesa e atender mais crianças, já com panelas e fogão doméstico instalado no local. A mobilização de outras pessoas da comunidade para voluntariar-se no auxílio do preparo da sopa foi determinante para aumentar o número de refeições oferecidas, assim como as doações de alimentos e equipamentos necessários ao seu preparo. E nesse aspecto, o papel de Enilda, amiga e vizinha de Dionísia, mostrou-se fundamental. É com a história e a importância dessa personagem junto à Casa da Sopa que vamos prosseguir esse texto, após apresentar brevemente o panorama da instituição na atualidade.

Após anos de improviso e imprevisibilidade, com uma rotina de dificuldades para conseguir os itens básicos para a sopa, aos poucos, o trabalho voluntário comunitário no Jardim Castelo começa a ser reconhecido pela sociedade da região metropolitana da capital. Passados os primeiros anos, já com a primeira edificação construída, a sopa começa a ser servida com mais frequência. Até ser disponibilizada de segunda a sexta-feira. Atualmente, a Associação Casa da Sopa é uma ONG registrada, com cadastro de pessoa jurídica (CNPJ) e um conselho de administração. No edifício recentemente construído, o qual foi uma doação anônima, como me explicou Dionísia, a estrutura oferecida aos moradores do Castelinho foi sensivelmente melhorada. Agora com espaço amplo, projetado para receber dezenas de pessoas ao mesmo tempo, com muita luz natural e bem ventilado, o primeiro andar conta com quatro mesas de refeitório, cozinha completa, com fogão industrial,

geladeiras e freezer, pia e todos os utensílios necessários para a produção e oferta diária dos alimentos preparados. No local, são oferecidas em torno de 150 refeições diárias. Trabalham voluntariamente cinco mulheres na instituição. Mas destas, quatro de forma eventual. A única voluntária com frequência diária é Enoilda Santos, 64 anos. Além delas, há um homem que recebe diárias para auxiliar Dionísia em pequenos afazeres e consertos e com os cuidados de Fernando.

Os beneficiários da alimentação disponibilizada são em sua maioria as crianças da comunidade, mas não é raro a presença de adultos em busca de uma refeição. No segundo piso, há um espaço que está planejado para ser sala de estudos ou reforço escolar, e também um ambiente com onze computadores, com sinal de internet, para aulas de informática. Infelizmente, à época das minhas visitas, as aulas de informática não estavam ocorrendo, visto que apenas dois computadores estão em condições de uso, e apenas um deles em funcionamento pleno. Dionísia se preocupava com isso e procurava parcerias para o conserto dos equipamentos o mais breve possível.

Em outro ambiente, que fica anexo a sua residência, há também uma estrutura para produção de produtos de padaria, uma panificadora industrial. Nas sextas-feiras, Dionísia oferece cursos para a produção de pães e salgados às mulheres da comunidade do Castelinho. Também são produzidos itens para a venda, proporcionando alguma renda para quem frequenta as aulas. Também em algumas sextas-feiras, no turno da noite, é oferecido um jantar para toda a comunidade, com a presença maior de adultos. Esse jantar, conforme relatou minha interlocutora, tem como objetivo integrar os moradores, para que confraternizem e troquem experiências durante os encontros. Como salienta de maneira enfática, é proibido o consumo de qualquer bebida alcoólica nas dependências da Casa da Sopa, o que é compreensível, visto sua experiência traumática.

Eventualmente, Dionísia também oferece cursos de artesanato, como os tapetes de fuxico que aprendeu a fazer no CEBB. Nos últimos tempos, essa atividade está mais esporádica, devido aos problemas de saúde que acometem tanto Dionísia como seu companheiro, que necessita de cuidados integrais. Com relação aos problemas de saúde que enfrenta, a maior preocupação dela reside no fato de não saber se seu projeto continuará após sua morte, ou caso fique impossibilitada de comandar a instituição. Para isso, ela diz estar preparando a família para assumir seu

projeto, tanto nas questões burocráticas quanto na conscientização sobre a importância e relevância do trabalho para os assistidos da comunidade.

Fica evidente que Dionísia já não consegue realizar todas as tarefas que costumava dar conta no início do seu trabalho voluntário, pela saúde já debilitada. E quem prepara os alimentos, recebe as crianças e limpa o ambiente após as refeições, na maior parte do tempo, é sua amiga de longa data, Enoilda Santos, 64 anos. Quando a conheci, ela relatou ser refratária às entrevistas sobre seu trabalho na instituição. Alegava não gostar muito de falar com estranhos, tendo se recusado a prestar depoimento para o livro de Dionísia.

Mas, para minha surpresa e satisfação, logo estabelecemos uma ótima relação. Com isso, ela concordou em conversar comigo sobre o trabalho realizado e sobre sua trajetória de vida, principalmente após a chegada no Jardim Castelo. Se revelou uma ótima interlocutora. Para os objetivos da pesquisa, a disponibilidade de Enoilda em colaborar foi de grande valia, pois, como já citei anteriormente, ela se demonstra peça fundamental na instituição. Além da relação de amizade e companheirismo com Dionísia, possui força e disposição surpreendentes para conciliar o trabalho voluntário comunitário com um emprego formal e, até pouco tempo atrás, com os cuidados de um irmão doente, que veio a falecer alguns meses antes de minhas visitas.

Dionísia e Enoilda estabeleceram um relacionamento de amizade de longa data, desde quando passaram a morar na mesma rua, no Jardim Castelo. Inicialmente, conforme me conta Enoilda, a relação era acompanhada de uma dependência em comum: o consumo de bebida alcoólica. Assim como Dionísia, ela também conseguiu controlar o vício após passar a frequentar o CEBB, acompanhando a amiga. Realizaram cursos juntas, e a meditação também proporcionou que desenvolvesse o autocontrole, nas mais diversas situações. Como afirma, ainda hoje é um desafio diário "pensar melhor antes de agir", mas, quase sempre, consegue ponderar nas situações mais delicadas.

Enoilda é voluntária comunitária na Casa da Sopa desde o início da atividade, quando não havia nenhuma estrutura e nem mesmo a "Casa da Sopa". Afirmou que tudo começou quase como uma brincadeira, mas com o passar do tempo, com a dimensão que a atividade tomou, tornou-se uma rotina importante em sua vida, algo

que faz parte do seu dia a dia. Seu comprometimento cresceu na mesma proporção da ampliação da estrutura, do alcance e da importância para a comunidade que a atividade é dirigida. Sempre dialogamos informalmente enquanto ela estava na cozinha, finalizando o preparo do almoço, servindo os pratos para quem chegava ou lavando os utensílios quando do término das refeições.

Na dinâmica do local, as crianças comparecem de tempo em tempo, a partir das 11h da manhã, com seus recipientes em mãos e a expectativa de levar o almoço para toda a família. Alguns almoçam no local, antes ou depois da aula. Quase todas que chegavam interagiam de alguma forma comigo, como que estivessem habituadas com a presença de pessoas que não são da comunidade frequentando o ambiente. E isso foi possível comprovar durante o tempo em que ali permaneci. Frequentemente, pessoas que visitam o CEBC, muitas de fora do estado, querem conhecer Dionísia e a Casa da Sopa, pois conhecem sua história pela rede de relacionamentos existente no meio budista. Então, é comum Dionísia receber os interessados em conhecer a instituição e apresentar o trabalho realizado.

Em nossas conversas, Enoilda se demonstrou muito resiliente. Proveniente da fronteira oeste do estado, após uma separação de um relacionamento difícil, veio até a capital em busca de emprego como empregada doméstica. Quando soube que havia uma ocupação territorial estabelecida em Viamão, conseguiu angariar algum recurso para comprar o terreno onde, aos poucos, construiu sua residência, no início dos anos 2000. Já aposentada, permanece vinculada ao emprego formal, prestando serviços de limpeza para uma empresa de engenharia em Porto Alegre e na filial em Gravataí. Algumas vezes na semana seu expediente é noturno. Quando termina a jornada noturna, vai diretamente para a cozinha da Casa da Sopa, para preparar as refeições. Só se retorna à sua casa após toda a louça lavada e o ambiente limpo. Nos dias em que precisa comparecer ao trabalho no turno da manhã, Dionísia assume as panelas.

Momento exemplar dessa parceria pude presenciar quando da realização de um almoço, num domingo de agosto de 2022. Na oportunidade, foi organizado um evento com o objetivo de arrecadar fundos para finalizar a construção de um muro de contenção na lateral do terreno. No domingo, logo após o meio-dia, me desloquei até a Casa da Sopa, onde já estava ocorrendo o evento. Quando me aproximei, foi possível vislumbrar que o ambiente estava diferente do habitual naquele dia. Alguns

automóveis estacionados em frente à instituição e pessoas encontravam-se próximas à porta principal. Quando entrei, encontrei as mesas com uma boa presença de público já almoçando. Outras se servindo e algumas ainda na entrada, recepcionadas por Dionísia. Na parte reservada ao preparo do alimento, que é separada do refeitório por uma bancada simples, estava Enoilda, que liderava outras três mulheres, as quais se revezavam no preparo dos pratos. O buffet era composto por massas e diversas opções de temperos, na maioria veganos (única exceção era um molho de carne de frango). Tudo estava muito bem apresentado. Como entrada, diversas opções de saladas ficavam dispostas em uma mesa localizada próxima da porta principal.

Dionísia estava muito ocupada recebendo os visitantes e, na medida do possível, atendendo a todos os que a procuravam para trocar algumas palavras. Percebi que não teria como tomar muito do seu tempo ou das mulheres que se revezavam no preparo dos alimentos e reposição do buffet naquele dia. Fiquei alguns instantes observando o ambiente e o movimento das pessoas presentes. Em seguida, servi meu almoço e me dirigi até Dionísia para pagá-la. Não havia valor estipulado, cada um contribuiria com a quantia que desejasse. Saí de lá com a certeza de que a meta de arrecadar o valor necessário para a finalização do muro seria alcançada. E como tudo indicava, o almoço estava muito bom. É admirável a forma como aquele trabalho é realizado, com simplicidade, leveza e muito esmero.

Em outra oportunidade, durante a rotina normal da instituição, fui convidado para almoçar com elas na casa de Dionísia, que fica no mesmo terreno da instituição, nos fundos, em um aclive acentuado, onde só é possível chegar após vários degraus de escada. O almoço era composto por arroz, feijão, carne com cebola e pimentão refogados, acompanhados de salada de vagem com cebola. Para beber, suco natural de manga, feito na hora. Como sobremesa, uma laranja, que Dionísia descascou e abriu em três partes, que dividiu entre ela, Enoilda e eu. Almoçamos e conversamos sobre questões do cotidiano, os últimos acontecimentos no CEBB e na vizinhança.

Compartilhando desse momento de intimidade com elas, foi possível perceber o quanto essas duas mulheres se complementam na condução do projeto social, por meio de uma forte amizade e parceria, além de um sentimento de reconhecimento de uma na outra. Enoilda prefere os bastidores, não se sente confortável nos holofotes, mas é componente essencial para o funcionamento da instituição. Por ser um pouco

mais jovem e saudável, ela faz boa parte do trabalho braçal. Dionísia gerencia tudo com parcimônia e um perfil de liderança notável.

A atividade voluntária comunitária desenvolvida na Casa da Sopa é também reflexo da superação dessas duas mulheres, sobretudo da dependência alcoólica e do alcance da liberdade conferida pela decisão de terminarem relações matrimoniais deletérias. Dionísia sempre cultivou o desejo de alimentar as crianças da comunidade, desde antes de ter um lar. Sua trajetória de vida e o compromisso que assumiu com a comunidade estabeleceram as bases para sua conduta diária. Ela tem consciência que é alguém com relevância social, percebe o reconhecimento que seu trabalho e sua personalidade adquiriram. Mas, em que pese essa consciência da estima social alcançada, a importância do seu projeto na vida dos membros da comunidade parece ser sua maior preocupação. Não é perceptível o peso da obrigação em sua atuação voluntária, não fica evidente a existência do sentimento de que entrou em algo que gostaria de sair, sem vislumbrar como. Ao contrário, Dionísia está sempre buscando aprimorar o trabalho que realiza e diversificar o público atendido, para além das crianças da comunidade, abrangendo a população ao redor como um todo. E se preocupa com a continuidade do projeto quando não estiver mais à frente deste.

Quando busca integrar a comunidade, oferecendo jantares comunitários para a troca de experiências e convivência entre os moradores do Castelinho, sua ação social vai além da busca de retribuição ou reconhecimento, sendo estes aspectos importantes, mas em determinadas condições. Como exemplo, abdicou de participar de um programa de televisão de alcance nacional. Atitude emblemática que demonstra que determinados reconhecimentos e status não fazem parte das suas preocupações. Como hipótese interpretativa de sua opção, a presença em um programa televisivo pode não ser a espécie de visibilidade que seria aprovada pela sociedade que lhe confere suporte, principalmente pelos budistas, que acolheram seu projeto e reconhecem nela uma autoridade local.

Dionísia parece ser movida principalmente por um sentimento de alteridade, de se reconhecer nos membros da comunidade onde vive, em suas dificuldades e superações diárias. Com seu poder de liderança, se mistura com a sociedade em seu redor, integrando também os demais moradores em seu projeto social.



Enoilda, por seu turno, não parece buscar reconhecimento ou estima social em sua dedicação irrestrita à instituição. Não se sente confortável em falar sobre o trabalho realizado, talvez por ter em mente que sua performance como cozinheira e atendente seja o papel que deve e sabe desempenhar, que sua relevância na rotina diária seja mais importante do que conversar sobre suas ações. Durante nossa convivência na instituição, percebe-se sua satisfação em servir fartamente os recipientes trazidos pelas crianças para receber o almoço. Sempre perguntando se não é pouco ou se há alguém mais em casa que ainda não se alimentou. Além disso, a cumplicidade para com Dionísia também parece ser fundamental para sua motivação de atuar esses anos todos junto à Casa da Sopa. Há uma troca entre elas, movida pela forte amizade e pelo compromisso mútuo com os mais necessitados da comunidade do Jardim Castelo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve por objetivo realizar uma investigação antropológica acerca do trabalho voluntário comunitário, atividade filantrópica que se caracteriza por ser realizada por e para moradores de uma mesma comunidade. A pesquisa se desenvolveu sob o prisma conceitual da dádiva maussiana, suplementada pela proposta de Axel Honeth sobre a luta por reconhecimento (social). No decorrer do trabalho de campo, foi possível identificar aspectos das premissas conceituais acima citadas, e desenvolvidas no primeiro capítulo, na observação das vivências presenciadas nas duas instituições analisadas durante a realização da etnografia.

Mauss define que a dádiva atua como um fundamento da vida social, sendo um fenômeno que pode ser considerado, em muitos casos, um fato social total, pois abrange o comportamento social por completo, podendo mobilizar toda a sociedade e suas instituições. O ato de dar, receber e retribuir está inserido no contexto de um contrato moral. Nos casos ora analisados, não há uma retribuição direta, sobretudo se pensada em termos econômicos, por parte das crianças e adolescentes atendidos, ou mesmo pelos pais destes. Nem mesmo uma expectativa consciente de retribuição pelo trabalho realizado.

No entanto, nas duas instituições, a noção de obrigação moral e expectativa de reciprocidade ou reconhecimento parece ocorrer de forma distinta, quando cotejados os depoimentos e o comportamento das voluntárias, principalmente com relação às suas fundadoras.

No caso do projeto social liderado por Losangela Martins, há uma percepção da carga obrigatória na manutenção do trabalho voluntário, pois algo que não foi planejado tomou ampla e inesperada dimensão. Com o passar dos anos, a atividade que começou de forma despreziosa parece ter rapidamente se tornado uma obrigação moral. Aspecto semelhante pôde ser identificado no contexto da Casa da Sopa, projeto social liderado por Dionísia Machado. No entanto, sua postura frente aos desafios diários, mesmo após anos de dificuldades e dedicação integral, é distinta quando comparada ao caso analisado na Associação Tia Lolô.

Em que pese enfrentarem desafios semelhantes, Losangela, em muitas oportunidades, parece encarar sua atividade de modo penoso. Ainda assim, não cogita interromper o trabalho realizado. Sua responsabilidade, ou obrigação moral com as centenas de crianças da comunidade e com a sociedade que admira sua dedicação, parece impedi-la de cogitar uma interrupção do projeto. Além disso, a estima social que recebe e o reconhecimento da relevância do trabalho realizado motivam sua continuidade, e isso se reflete no comportamento de suas principais auxiliares.

Nesse caso, podemos relacionar a perenidade do trabalho voluntário comunitário com uma espécie de tripla experiência, que justifica a manutenção de sua atividade no decorrer dos anos. Este tripé seria composto pela noção de obrigação moral de Losangela para com as crianças assistidas; pela atitude do grupo, composta pela sociedade que reconhece a importância do trabalho e sua abnegação em mantê-lo; e o retorno prático que a instituição promove na vida dessas crianças, proporcionando alimentação adequada e espaço seguro para permanência destas, quando da ausência dos pais ou no turno inverso da escola.

Para Axel Honneth, “*os indivíduos precisam se saber reconhecidos também em suas capacidades e propriedades particulares, [...] eles necessitam de uma estima social que só pode se dar na base de finalidades partilhadas em comum.*” (HONNETH, 2003, p. 278). Esse reconhecimento pode ser fator importante à continuidade da ação voluntária nas duas instituições. Quanto mais socialmente abrangente se torna o voluntariado realizado por estas mulheres, maior parece ser a estima social que elas recebem, e, conseqüentemente, a responsabilidade e a perseverança, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Para Isabel, a principal retribuição provém da família, relacionado ao apreço e a admiração dos filhos e do marido quanto ao trabalho realizado. Além disso, há o sentimento de pertencimento à comunidade, e, desse modo, de responsabilidade com as crianças da localidade, que compartilham dos cuidados proporcionados pela instituição com sua própria neta, auxiliam Isabel na sua motivação diária para dedicar-se integralmente ao trabalho voluntário comunitário.

Na atividade desenvolvida pela Casa da Sopa, a obrigação moral também se faz presente, mas de modo distinto do primeiro caso. A postura de Dionísia frente aos desafios de manter um projeto social, que não imaginava que iria atingir as proporções

que acabou tomando, não parece ser de um fardo. Ao contrário, mesmo debilitada por doenças, com a idade já lhe causando algumas dificuldades de condução na linha de frente, Dionísia demonstra querer expandir e perpetuar sua ação social. Seu planejamento no longo prazo envolve abranger outras pessoas da comunidade com o auxílio prestado pela Casa da Sopa. Além disso, sua preocupação com a continuidade do projeto quando não estiver mais em sua condução evidencia uma satisfação plena com o caminho que sua vida trilhou, e o anseio de deixar um legado.

No seu caso, e também no tocante a Enoilda, sua principal parceira de atividades, o reconhecimento ou a estima social também fazem parte dos vetores motivacionais para a continuidade do trabalho, mas possui característica diversa, quando em comparação com a lógica da troca de dons presente na Associação Tia Lolô. Para a fundadora da Casa da Sopa e sua principal auxiliar, é o reconhecimento recebido da comunidade budista o principal retorno externo (exterior à comunidade local) almejado, onde o trabalho é regularmente divulgado e reconhecido em sua relevância e exemplo de transformação de trajetória de vida que a doutrina budista (filosófica ou religiosa) pode proporcionar.

Desse modo, na Casa da Sopa, o suporte predominante provém de um grupo específico: a comunidade budista, tanto no quesito financeiro quanto de estima social. O que provavelmente explicaria a postura de Dionísia quando esta declinou da participação no programa televisivo de repercussão nacional. E também a doação anônima do edifício sede da sua instituição, que não seria surpresa se oriunda de um seguidor da doutrina filosófico-religiosa a qual sua história está atrelada. Dionísia possui proximidade com esta comunidade, comprometida seja no suporte financeiro do projeto social ou porque entrega à Dionísia o reconhecimento de que ela necessita, e que possibilitou a sua transição de dependente alcoólica para uma liderança comunitária de relevância local, o que, se pensado no regime das trocas de dádivas, resulta em gratidão e compromisso por parte de Dionísia, numa espécie de dívida de honra com a comunidade budista.

No caso de Losangela e sua instituição, o reconhecimento midiático cumpre importante papel, servindo como ferramenta de mediação para angariar aportes econômicos necessários à continuidade do projeto. Ao mesmo tempo, promove a estima social necessária para a continuidade do trabalho, como no caso da doação

do ônibus pelo empresário caxiense, que veio acompanhada de intensa promoção midiática, o que foi útil às duas partes envolvidas.

Quanto ao caráter obrigatório das ações, especificamente no trabalho desenvolvido por Losangela, o duplo caráter do dom formulado por Bourdieu, generoso e obrigatório, pode ser aplicado para explicar a transição expressada por sua narrativa. Pois a partir do momento que Losangela percebe a relevância e importância social de seu trabalho, dentro de um contexto de carência e vulnerabilidade social, a atividade que iniciou como algo generoso e espontâneo passou a ser encarada como uma obrigação (moral), não só com os beneficiários do trabalho voluntário, mas também perante os demais atores da sociedade civil, representada nos mais diversos segmentos, como mídia, doadores, agentes públicos e pesquisadores.

Nesta situação, porém, a característica de obrigação moral do trabalho não significa, contudo, que o aspecto da generosidade é substituído por completo. Pelo contrário, quando a repercussão de sua ação é percebida pela comunidade em geral e pelos meios de comunicação, é neste momento que a dualidade de sua atitude, entre a generosidade e a obrigação, se torna evidente. Como afirma Godbout, *“a verdadeira dádiva é um gesto socialmente espontâneo, um movimento impossível de captar em movimento, uma obrigação que o doador dá a si mesmo, mas uma obrigação interna, imanente”* (GODBOUT, 1998, p. 46).

Em comum nas duas instituições está a ausência da lógica financeira em suas ações. Sob a ótica bourdiana, podemos considerar que o trabalho voluntário comunitário realizado nas duas instituições baseia-se em uma denegação do econômico (BOURDIEU, 1996). Nesses casos, é o capital simbólico que permeia as práticas dessas mulheres para prosseguirem na atividade voluntária. A retribuição está também inserida no reconhecimento social da importância e nobreza da ação, que foge da lógica econômica da maximização do lucro.

No caso de Dionísia, apesar da preocupação com o reconhecimento da sociedade não ser característica determinante de suas ações, certamente esse aspecto se faz presente em algum grau, pois seu reconhecimento como liderança comunitária por parte dos budistas é autoconsciente, e contribui para sua permanente intenção de aprimorar as atividades da Casa da Sopa. Ao menos no sentido de

catalisar seu papel social pela consciência da relevância de seu trabalho perante o grupo religioso, evidenciada em diversas ocasiões.

Por fim, resta evidente que a criação ou fortalecimento dos elos sociais (CAILLÉ, 2006) se faz presente em ambos os contextos analisados na presente pesquisa. Seja na esfera dos vínculos intracomunitários ou mesmo com relação aos agentes externos à comunidade local. Nos dois casos, há um forte componente no que diz respeito ao fortalecimento dos laços com suas comunidades nas ações realizadas. Nesse sentido, outro aspecto da teoria de Mauss pode ser identificada: a mistura. *“Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.”* (MAUSS, 2003, p. 212).

Em que pese estar presente no contexto das duas instituições, tal característica se apresenta de modo marcante na Casa da Sopa. Esta não se caracteriza por ser uma instituição que apenas fornece alimentação e reforço escolar para as crianças da comunidade. Suas ações se estendem para os moradores do bairro como um todo. A preocupação com a autonomia financeira das mulheres, por meio de cursos de artesanato e panificação, com reuniões de troca de experiências entre elas, os jantares oferecidos a todos os moradores do local, com o intuito de integrar a comunidade, demonstram essa preocupação comunitária para além das crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom**. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 7-20, Oct. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAILLÉ, Alain. **O dom entre o interesse e o desinteressamento**. In: MARTINS, P.H.; CAMPOS, R.B.C. (Orgs.) Polifonia do dom. Recife: Editora da UFPE, 2006

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In.: O trabalho do antropólogo. SP, Unesp, 2000. p. 17 a 36.

DOAN, Dana R. H. **O que é filantropia comunitária? Um guia para entender e implementar a filantropia comunitária**. Global Fund for Community Philanthropy, 2019.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001

FASSIN, Didier. **Humanitarian reason. A moral history of the present**. Los Angeles: University of California Press, 2011.

GODBOUT, Jaques T.. **Homo donator versus homo economicus**. In: MARTINS, P. H. (Org.). A dádiva entre os modernos. Petrópolis: Vozes, 2002.

GODBOUT, Jaques T.. **Introdução à dádiva**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.13, nº 38, Outubro, 1998. p. 39-51.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2001.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **Censo populacional**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/viamao/panorama29>

IDIS - **Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021**. Disponível em: <https://pesquisavoluntariado.org.br/>

KOPPER, Moisés. **Nos limites da intervenção: a antropologia crítica de Didier Fassin**. Mana, 20. Mana, 2014-2, p. 355–370.

KUNRATH SILVA, Patricia. **Filantropia e Investimento Social Privado nos Estados Unidos e no Brasil: redes transnacionais de governança econômica**. Tese de doutorado. Patricia Kunrath Silva. -- 2017. 259 f. Orientador: Ruben George Oliven.

KUNRATH SILVA, Patricia; OLIVEN, Ruben George. **Filantropocapitalismo versus filantropia para a justiça social: um debate norte-americano sobre como lidar com a pobreza**. Revista Mana, 26, Mana, 2020-1

LÉVI-STRAUSS, Claude. **“O feiticeiro e sua magia”**. In: Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2012 [1958], pp. 237-63.

MACHADO, Dionísia Oliveira; HOFMANN, Ângela. **Dionísia mudou as coisas de lugar**. Viamão, Hortélias, 2021.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia v.II. São Paulo: Edusp, 1974.



NOGUEIRA, Fernando Amaral; SCHOMMER, Paula Chies. **Quinze Anos de Investimento Social Privado no Brasil: Conceito e Práticas em Construção.** XXXIII encontro da ANPAD, Setembro, 2009.

SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss: da dívida à questão da reciprocidade.** Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 23, n. 66, p. 131-138, Fevereiro, 2008.

## APÊNDICE

### IMAGENS DAS INSTITUIÇÕES

#### Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus

Losangela Ferreira Martins, a Tia Lolô, em frente à Associação Beneficente por ela criada.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019

Isabel Mackmillan Vieira no depósito de roupas que são organizadas para expor no brechó que ocorre aos sábados.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019

Fachada da Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô do Ônibus.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019

Crianças sendo atendidas pelas voluntárias. Acima, à direita da imagem, as pernas de Sidnei, que realiza uma reforma no forro.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019



Reforma conduzida por Sidnei, marido de Losangela. Ao fundo, o icônico ônibus, hoje protegido pela estrutura de alvenaria. Vê-se também um adolescente (não identificado) ao fundo da imagem.



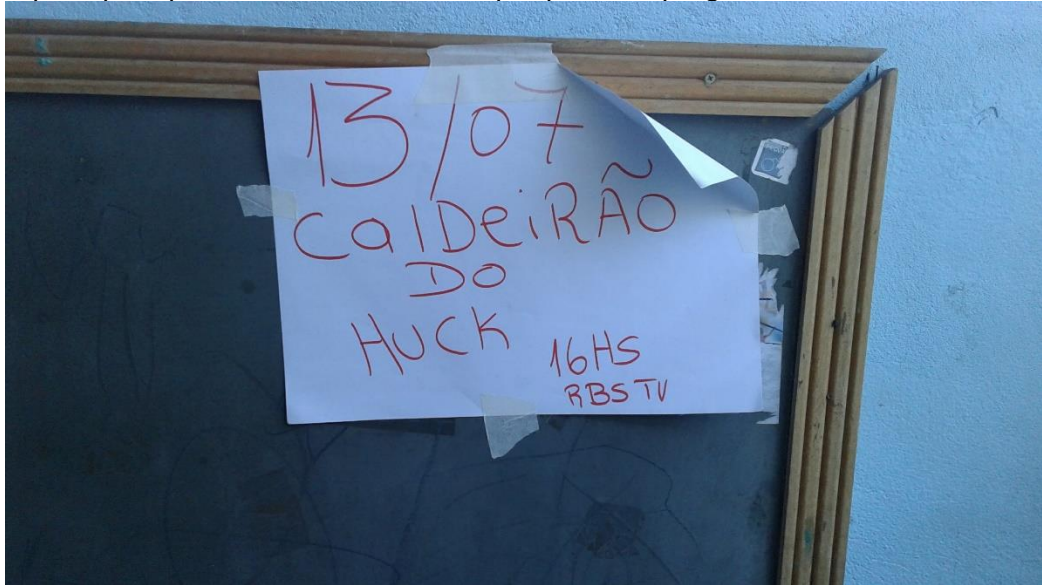
Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019

Fachada da instituição, com anúncio do brechó beneficente, que ocorre todos os sábados.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019

Anúncio da data em que o programa com Lolô seria veiculado, afixado num quadro dentro da sede principal, que não recebeu reforma por parte do programa.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019

Novas instalações entregues pelo programa de televisão “Caldeirão do Huck”. A edificação se localiza em frente à sede da Associação Tia Lolô.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2019



## Associação Casa da Sopa

Dionísia ao centro, com Izabel (voluntária eventual) ao lado esquerdo da imagem e Enoilda à direita. Em frente da nova sede da Casa da Sopa, em reportagem do Jornal GZH, em dezembro de 2021.



Fonte: Reportagem GZH, 2021. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/11/voluntarios-da-casa-da-sopa-do-jardim-castelo-em-viamao-celebram-a-conquista-de-predio-novo-ckwb2pywj00ac014cwf5sjk0q.html>. Acessado em fevereiro/23

Crianças e adultos da comunidade Jardim Castelo almoçando no refeitório ou levando a refeição para casa.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022

Na primeira imagem, Enoida servindo o almoço para o menino levar para casa. No segundo momento, ela complementa o recipiente, sob os olhos atentos da criança.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022

Sala localizada no segundo piso do edifício da Casa da Sopa. O local em primeiro plano é destinado às aulas de informática. No momento do registro, apenas dois computadores estavam aptos ao uso.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022



Dionísia em meio às crianças, que recebem o almoço no refeitório da Casa da Sopa



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022

Início da rua onde se localiza a Casa da Sopa. Ao centro da imagem, é possível identificar crianças andando de bicicleta e a lateral da instituição, na cor alaranjada.



Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022



Dionísia no templo do CEBB, posa para fotografia, após pedir-lhe permissão para registrar o momento.



*Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022*

Dionísia aguarda a pessoa que iria nos receber no interior do templo budista



*Fonte: Leivo Ortiz de Oliveira, acervo pessoal do autor, 2022*